ANO 17.º LISBOA—QUINTA-FEIRA, 14 DE OUTUBRO DE 1937 N.º 5353

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 40 CENTAVOS
Editor — JOÃO CHRYSOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

AS anecdotas politicas pessoais distraem e não trazem mal consigo. Respiguemos a que segue dos «Episodios Politicos Contemporaneos» que o Arquivo Nacional vem publicando ha meses.

Teofilo Braga, presidente do governo provisorio da Republica, ocupava um gabinete no ministerio do Interior.

«Tinham-lhe destinado uma pequena divisão, na qual havia, além da secretária, duas cadeiras e a poltrona encimada por uma magnifica corôa de talha joanina.

Certa manhã, Mestre Teofilo Braga encontrou o emblema monarquico coberto com o papel gomado das orlas das folhas das estampilhas. Pegou, pacientemente, numa esponjazinha molhada e começou a descolar a carapuça que ocultava a artistica corôa.

Na manhã seguinte novamente apareceu coberta e, mais uma vez, o presidente do Governo Provisorio se deu ao trabalho de a libertar e assim continuaria se não se limitasse o zêlo republicano do encobridor dos simbolos reais. Sobretudo, Teofilo receava que alguem se servisse de raspadeira para tirar o adesivo, ferindo a obra que muito admirava.

Preguntámos-lhe, ao ouvi-lo:

— Mas, mestre, porque não diz para acabarem com essa tarefa?

E ele, finamente:

— Para me julgarem com a mania das grandezas ou talassa...?

Esfregando as mãos, soltara uma risadinha e dissera:

— Calculo quem tem esta idéa... Naturalmente é o continuo vêlho, que deve estar ai desde o tempo de D. Miguel...».

* * *

A FRANÇA e a Jugo-Eslavia aproximam-se, de novo. O chefe do gabinete de Belgrado passou por Paris e encontra-se actualmente em Londres.

Isto quere dizer que o tratado de Versailles, que tantos consideram morto, continua a ser o motivo fundamental de decisão na Europa inquieta dos nossos dias.

* * *

EM 22 do mês passado, o encaixe de ouro do Banco de Portugal era de 916.456 contos, as disponibilidades e outras reservas 584.664 contos. As notas em circulação atingem 2 milhões e 81 mil contos, e outras responsabilidades á vista sobem a 1 milhão e 167.323 contos. A proporção entre reservas e responsabilidades fixou-se em 46,20 por cento.

* * *

NO Hospital de Jesus foi submetido a uma melindrosa operação o ilustre artista sr. Jorge Colaço, cujo estado, felizmente, é satisfatorio.

* * *

O BALANÇO geral do Banco de Angola em junho passado acusava o saldo de 3.217 contos.

A questão do ensino

E' tempo de concluir as sumarissimas considerações aqui iniciadas acêrca do ensino, que o nosso bom publico não suporta, em regra, mais do que dois ou três artigos, mais do que duas ou três conferencias sobre o mesmo tema. Essencialmente voluvel, nos gostos como nas convicções, nos acepipes como nos amores.

Entremos, pois, no rol e concluamos, para seguir outros rumos.

Apontámos os defeitos e modificações a introduzir no tocante a aulas, programas, textos e lições. Resta tratar dos exames, recompensas, professores e alunos, e referir os aspectos deploraveis de algumas especialidades.

Ora os exames, dependentes da contingencia duma pregunta isolada, variavel segundo o feitio, a predilecção e o humor de quem interroga (chegando a buscar-se, não a resposta mais adequada ao assunto, mas a mais sensivel ao mestre), apoiados, por vezes, em provas escritas, inteiramente inadaptaveis aos latinos, que possuem um rapido poder de assimilação e tardias faculdades de concentração, e traduzidos por decisões sem fundamento nem recurso: em vez de se averiguar da existencia dos conhecimentos gerais e sua coordenação e das qualidades de exposição. Daí constituirem actualmente simples jogos de asar, em que o trabalho porfiado e o raciocinio claro estão á mercê dum lapso de memoria.

As recompensas, platonicas distinções, improprias duma epoca feita de realidades e servindo apenas de pretexto a vaidades balofas ou ostentações irritantes: em vez de uteis compensações, com vantagens praticas, como premios pecuniarios ou seguros especiais, direito a excursões, diversões, livros de estudo ou de recreio, etc. Daí um titulo de honra sem proveito e a desilusão precoce da vantagem dum grande esforço para tão pequeno beneficio.

Os professores, saídos de concursos que são meros torneios de retorica ou de discussões incidentais e bisantinas, e continuando pela vida fora mal preparados como entraram: em vez de se avaliarem as suas qualidades pedagogicas, sistematização de conhecimentos e orientação filosofica, economica, juridica, biologica, literaria, etc., faculdades de exposição, metodo de ensino e até recursos fisicos indispensaveis para poder ensinar, e de se vigiarem os seus progressos através da publicação obrigatoria das lições nos cursos superiores ou dos sumarios, com novas explicativas nos cursos medios, e, inclusivamente (drs. Teixeira Bastos e Ferraz de Carvalho), criando «um nucleo de professores, educados nos grandes meios cientificos e verdadeiramente apaixonados pela sua profissão e pela cultura desinteressada da ciencia». Daí uma aluvião de intrusos, alguns logo incapacitados de origem por falta de voz, de ouvido e até de vista, outros empedernidos por uma longa e cega rotina, a ponto de se ouvir dizer vulgarmente que ha hoje duas profissões em Portugal onde se acolhem todos os que falharam na vida: actor e professor.

Os alunos, numa grande maioria, incertos, acanhados e sem o brio da profissão, não sabendo expôr, nem discutir nem redigir, limitando-se a reproduzir mecanicamente os dizeres do texto ou as palavras do professor: em vez de se apresentarem senhores de si, desempenados e impondo-se por um labor honesto, sempre aptos a fazer um extracto da lição, quando lhes fôsse exigido (embora socorrendo-se do texto ou dos seus apontamentos pessoais). Daí um amolecimento de energia, um desinteresse absoluto, um cepticismo desolador que se estende ás proprias familias.

Por ultimo, encarando de fugida os casos salientes dalguns especialidades, notaremos que nalgumas escolas, ou antes nalgumas cadeiras, continuam a ensinar-se: as linguas vivas, sobre o dicionario e a gramatica (o que não habilita sequer a dar uma indicação de rua ou de hotel a um estrangeiro transviado), em vez de conversadas primeiro e aperfeiçoadas depois com aqueles instrumentos — não falando no contraste dos apertos exagerados duma lingua morta, cuja utilidade, aliás tão inteligentemente rebatida (Le Bon e A. Sergio), parece reduzida ao latim da missa; a leitura e a escrita, sobre trechos sem beleza literaria ou despidos de qualquer valor instrutivo (não sendo curial, certamente, aprender hoje o português sobre o «Naufragio de Sepulveda» ou pela gramatica do Padre Manuel Alvares); a historia, ajoujada de datas e sob o estridor das batalhas, sem o registo, como já notámos, dos efeitos politicos, economicos e juridicos dos sucessos marcantes e sem vincar os caracteres das personalidades, mostrando o exemplo das suas virtudes (dr. M. Bento de Sousa); a medicina, sob o peso esmagador dos infólios anatomicos; o direito cingido ás formulas ou diluido nas teorias; as letras, sacrificando ás esmiuçadelas filologicas e narrativas historicas o ensinamento das regras de critica literaria e filosofica.

De resto, quer se trate de programas, textos ou lições, quer de exames, o nosso ensino reduz-se fundamentalmente a um sistema de listas: listas de termos, listas de datas, listas de corpos, listas de plantas e animais, listas de formulas, listas de pedras, listas de aparelhos, listas de ossos, listas de leis ou artigos de lei. Dai uma geração tabelada, que escorrega ao primeiro desvio fora do texto.

Urge, portanto, que o sr. ministro da Educação Nacional, para cujo bom senso mais uma vez apelamos, publique o novo estatuto do ensino superior, porque é dele que hão de vir as directrizes e, como diz Liard, quanto estas valerem quanto valerá o resto.

Até lá, porém, temos de fechar os nossos artigos com o mesmo pensamento com que os abrimos: cada vez se sabe menos e cada vez se ensina pior.

E — vamos lá — não é bem por falta de boas leis, mas por falta da sua rigorosa execução. Já o austero Herculano comentava: Temos o ensino só no papel.

DIAS FERREIRA

PORQUE a atitude do Estado, em materia de trigos, tem sofrido reparos por parte de pessoas com deficiente conhecimento do complexo problema, o ministerio da Agricultura fez publicar uma nota em que «esclarece certas duvidas recentemente apresentadas em publico».

No que respeita a silos e celeiros a nota observa que a conservação do trigo nos silos seria mais onerosa do que nos celeiros, e esclarece que mesmo que existissem silos eles não teriam resolvido as dificuldades de ordem financeira nem evitado a exportação de uma parte do excesso. A exportação de uma parte do trigo que sobrava foi imposta pela necessidade de aliviar as quantidades existentes e de apressar o pagamento á lavoura. As restrições de cultura foram impostas por se não mostrar a lavoura inclinada a aceitá-la voluntariamente. Quando o Estado diz á lavoura que produza menos por haver de mais, ou que produza mais por serem escassas as colheitas, não a desorienta antes procura orientá-la. E conclui a nota: «Por tudo o que fica exposto julga-se não se terem cometido êrros que mereçam censura, antes defendido os interesses do país e da lavoura como as circunstancias o tem permitido».

* * *

UM fundidor de sinos e dois electricistas, de Munich, inventaram uma lamina metalica de cinco milimetros de espessura e que, ligada a um aparelho electrico, com amplificadores, produz o som do sino. O seu custo é tão barato que qualquer pequena igreja pode dar-se o luxo de chamar ás devoções ou dar horas como qualquer grande catedral. Um dispositivo especial de caixas de som regula a escala; o «sino» artificial pode interpretar a mais bela e complicada musica de arte.

O sino antigo — e de sempre — tem, porém, além do seu som, da sua grandeza, e da sua beleza — uma simbolica que as palhetas electricas não substituem.

Estamos em crêr que os sinos verdadeiros só desaparecerão se o seu metal fôsse preciso para fazer canhões.

* * *

A-FIM-DE acautelar os interesses do Estado, ficam de futuro sujeita a prévia autorização do ministro das Colonias a transmissão de direitos reais, privilegios ou regalias que interessam ás colonias e festas a favor de pessoas singulares ou colectivas de nacionalidade estrangeira.

O ministro pode delegar genericamente ou em casos especiais no governador da colonia a faculdade de conceder aquela autorização.

* * *

DE regresso dos Estados Unidos, chegou hoje a Lisboa, a bordo do «Saturnia», o nosso presado camarada de redacção Mario Neves.

O "DIARIO DE LISBOA" DE HOJE É DE 16 PAGINAS INCLUINDO O SUPLEMENTO LITERARIO

VIDA ARTISTICA

Exposição de Joaquim dos Santos

Ha neste artista, que começou ontem, portanto, ainda em crescimento de qualidades, duas feições tipicas. Pelo menos assim no-lo mostra na pequena, mas simpatica exposição dos seus trabalhos, inaugurada ha dias na rua do Carmo, 35, 1.º. A primeira, de que gostamos menos, é o chamado trabalho de encomenda: retratos pastelizados, a carvão e a sanguinea sobre papeis de cores. Os modelos, alguns lindissimos, devem ter ficado satisfeitos. Mas com essa materia humana, de excelente valor estetico, Joaquim dos Santos podia ter feito obra mais pessoal e mais viva de beleza, mesmo que aqui e ali, falhasse a geometria fisica das formas. Lindos sorrisos e penteados, não bastam! Já o mesmo não dizemos dos seus *croquis* das aulas da Sociedade Nacional de Belas Artes. O artista á vontade manifesta inteiramente, e com brilho, as suas qualidades de desenhista, extraíndo do modelo, uma interpretação psicologica, por vezes, de fino e delicado traço.

Os seus dois estudos 20 e 21 convencem-nos de que Joaquim dos Santos, se insistir no estilo que neles revela, poderá, dentro de pouco tempo, ocupar na arte portuguesa um lugar de relevo. O que aqui dizemos, não constitui de modo algum uma crítica; apenas um sincero conselho que o artista deve aproveitar, embora sacrificando ao espiritual, e interesse de momento.

Mundanismo

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Maria Adelaide Coelho da Cunha e Quadros, D. Maria do Carmo Van-Zeller Guedes, D. Maria Tereza Leite Pereira Bretts Jardim, D. Maria José Novais Sotto Mayor e Ataide, D. Maria Luiza Vaz de Castro Barreto de Miranda e D. Tereza Trigoso.

CASAMENTOS

Em Entre-os-Rios, celebrou-se na capela da Casa da Seára, propriedade da sr.ª D. Eduarda de Lemos Barroso Pereira, viuva do sr. Antonio Barroso Pereira e filha do saudoso escritor sr. Eduardo de Lemos, o casamento de sua gentil filha D. Maria Elvira, com seu primo o sr. Francisco Valerio Teixeira Bastos Neves Pereira, filho da sr.ª D. Maria Jacinta Teixeira Bastos Neves Pereira e do sr. dr. João Valerio Neves Pereira e neto materno do falecido escritor Teixeira Bastos, servindo de padrinhos por parte da noiva sua mãi, e a sr.ª D. Mafalda Barroso Pereira Bravo Torres e seu cunhado o engenheiro sr. José Leite Perry de Sousa Gomes e por parte do noivo sua tia a sr.ª D. Palmira do Rego Vilaverde Teixeira Bastos seu pai e seu tio o sr. dr. Oscar Teixeira Bastos, presidindo ao acto o abade de Varzea do Douro, reverendo Eugenio de Lemos Barroso Pereira, irmão da noiva, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Finda a cerimonia, que revestiu um caracter de muita intimidade foi servido um finissimo lanche, no salão de mesa, da elegante residencia da Quinta da Seára recebendo os noivos um grande numero de artisticas e valiosas prendas.

EM VIAGEM

No paquete «Saturnia» partiu hoje para Italia, donde seguirá para França, a-fim-de visitar a exposição de Paris, acompanhado de sua esposa a sr.ª D.ª Laura Serrano Teixeira de Sousa, o comandante sr. Jaime de Sousa.

—Regressou do Monte Estoril, com suas filhas, a sr.ª D. Alda Guedes Pinto Machado.

—Para Paris, donde seguirá para Belgica, partiu ha dias o sr. Luiz de Forjaz Trigueiros.

—Com sua esposa, a sr.ª D. Maria Soares de Oliveira, e seus filhos, regressou da Povoa do Varzim, o distinto clinico sr. dr. Caetano Soares de Oliveira.

—Acompanhado de sua familia, regressou de Sintra o sr. Henrique Tristão da Camara.

—A bordo do «Massilia», regressou de Paris, o sr. Antonio Braga, socio da «Gardénia» no Chiado.

DR.ª LAURINDA ALAMBRE
Consultorio:—R. Garrett, 74, 1.º—3 h. ás 7 1/2—T. 2 0524.
Residencia:—Av. Defensores de Chaves, 163, 2.º—T. 4.9776.

Restaurante e Pastelaria
Prefiram só a "COLOMBO"
Av. da Republica, 10 — Tel. 49225

CASA
ANNIBAL TAVARES
Joias e Pratas Artisticas
Não comprem sem consultar os seus preços
95, Rua da Prata, 97
Aptofone 2 5853

Falharam as bruchas

e triunfou a Policia

A sr.ª D. Maria de Sousa Prego, residente nas linhas de Torres, queixou-se á P. I. C. de que havia perdido ou lhe furtaram um alfinete com brilhantes no valor de 2.000$00.

Foi encarregado de proceder a investigações o agente Jorge de Vasconcelos. Como o tempo fôsse passando e a sr.ª D. Maria Prego tivesse perdido a fé nos «detectives», recorreu ás mulheres de virtude, para a descoberta da joia perdida.

Algumas delas foram a sua casa fazer os competentes sortilegios para que o valioso objecto voltasse á posse da sua dona.

Quando se cansou de gastar dinheiro com as bruxas recorreu aos terrestres poderes na pessoa do agente Vasconcelos, a quem novamente pediu para descobrir o paradeiro da joia, contando-lhe o que lhe tinha sucedido com as petonisas.

O agente mandou chamá-las e declarou-lhes:

—Em poucos dias lhes provarei que não é com resas e benzeduras que a joia aparece:

Dito e feito. Pouco tempo depois, o agente, cheio de brios, devolvia á dona o alfinete, que conseguira apreender numa casa de penhores.

A "Feira das Colheitas"

no Palacio de Cristal

PORTO, 13. (Pe'o telefone)—Organizado pela Camara Municipal e Sindicato Agricola da Maia, os dois organismos que mais têm contribuido para o grande exito da «I Feira das Colheitas», realizou-se hoje um interessante cortejo agricola, no qual se encorporaram representantes de todas as freguesias do concelho.

Numerosos carros, vistosamente engalanados grupos de rapazes e raparigas, com os seus trajos regionais, bandas de musica e grupos folcloricos de todo o concelho, obedecendo ás ordens do sr. tenente Carlos Moreira, administrador do concelho da Maia, deram esta tarde á cidade um lindo espectaculo, que impressionou a população portuense.

O cortejo entrou na cidade pela rua do Amial, atravessou-a no sentido norte-sul, dispersando no Palacio, onde se realizou uma importante feira e exposição de gado, ás quais concorreram os mais belos exemplares, sendo-lhes atribuidos valiosos premios.

A' noite, no parque infantil, terá lugar uma enorme e concorrida desfolhada, com dansas e descantes.

Entrou em vigor a repressão

da prática de cuspir

Na sessão de hoje na Camara Municipal foi resolvido que entre imediatamente em vigor a repressão da prática de cuspir, não só nos carros electricos como tambem na via publica, sob pena de multas de cinco escudos.

Foi tambem resolvido que, dentro da area da cidade, em todos os cortejos funebres só possam ser utilizadas viaturas automoveis para condução de feretros e das pessoas que os acompanhem. Transitoriamente, até ao fim do ano, serão permitidas as carretas hipomoveis ou a braços, e a condução de ataudes á mão.

Tenente-coronel Ferrer Franco

Realizou-se hoje o seu funeral

Constituiu uma sentida manifestação de pesar o funeral que se realizou hoje, pelas 15 horas, do sr. tenente-coronel Vicente Ferrer Franco, que foi agredido a tiro, em Vimieiro, pelo tenente Serafim Augusto dos Prazeres, o qual após o seu acto tresloucado, voltou a arma contra si, pondo termo á vida.

Durante o dia e a noite o cadaver foi velado por pessoas de familia e de amizade do extinto.

Muito antes da hora marcada para a saida do feretro, era já grande o movimento de pessoas em casa do falecido. Depois do prior da Graça ter feito a encomendação do corpo, foi a urna retirada da camara ardente para um armão da Companhia de Trem Hipomovel aos ombros de colegas do extinto.

A urna ia coberta com a bandeira nacional e sobre o ataude foram depostos muitos ramos de flores.

A's 15 e 30, o cortejo funebre pôs-se em andamento. Conduzia a almofada com a espada e o boné do extinto o sr. alferes aviador Dias Costa.

No prestito encorporaram-se muitas pessoas de varias categorias sociais, predominando o elemento militar. Entre outros vimos os srs. generais Daniel de Sousa, Amilcar Pinto, Julio Augusto de Aguiar e Ferreira Martins; coroneis Silveira Lemos, director dos Serviços Administrativos Militares, Vitorino Guimarães e Mota Marques; tenentes-coroneis Nunes da Silva, Vitorino Carrelhas e Linhares de Lima; monsenhor Amadeu Ruas, Mario do Canto Lupi, dr. Formosinho Sanches, comandante Jaime Couceiro; majores Olimpio de Melo e magalhães Correia; capitão Osorio Pedroso, etc.

Fuga de anidrido carbonico

Hoje, pelas 15 horas, rebentaram os tubos dos depositos de anidrido carbonico da «Taverna Imperial», na praça dos Restauradores.

Aquele gás espalhou-se rapidamente pela casa, fugindo para a rua precipitadamente os clientes.

Compareceram os sapadores bombeiros da primeira companhia, que ventilaram a casa e, com o auxilio dum engenheiro especializado, fecharam as torneiras de segurança dos referidos depositos.

Aviação sem motor

Com a assistencia do sr. ministro da Alemanha e de alguns dirigentes da «Legião» e da «Mocidade», inaugurou-se esta manhã, no aerodromo da Amadora, o curso de aviação sem motor para os filiados na «Mocidade Portuguesa».

Efectuaram-se os primeiros vôos com os melhores resultados. Os instruendos manifestaram grande interêsse pelo curso.

"Mocidade Portuguesa"

A bordo do paquete «Saturnia», que largou esta tarde do Tejo, seguiu para Roma, o sr. dr. Luiz Pinto Coelho antigo secretario-inspector da «Mocidade Portuguesa», que fica como representante deste organismo em Italia.

ESTE ANUNCIO E MAIS 5 ESCUDOS
Valem um bom retrato com o formato 18 × 24 na FOTOGRAFIA ACHILLES
AVENIDA ALMIRANTE REIS N.º 1, 1.º ANDAR — (Ao Intendente) — TELEF. 4 7063

AERO-PORTUGUESA
33, R. do Alecrim, 2.º — Telef. 2 3371
HORARIO DE INVERNO
(a partir de 3 de Outubro)
Partidas aos domingos, ás 8 e 15
PORTUGAL-AMERICA DO SUL em 48 horas
Entrega das correspondencias para: MARROCOS, AFRICA OCIDENTAL FRANCESA, GUINE PORTUGUESA E FRANCESA; LIBERIA, COSTA DO MARFIM E DO OURO E AMERICA DO SUL na CENTRAL DOS CORREIOS (Rua do Arsenal).
até ás 6 horas da manhã de DOMINGO
PASSAGEIROS para Marrocos, Africa Ocidental Francesa, Europa, etc.
MERCADORIAS para Marrocos e Africa Ocidental Francesa.
Informações: Wagons-lits || Cook — Agencia Havas — Turismo de Portugal

ACADEMIA DE CÓRTE GEOMETRICO
"SISTEMA MAGUIDAL"
Rua da Palma, 219-2.º — Telefone 2 1966
Cursos de córte de fato para homem, individuais e colectivos
MATRICULAS ATÉ 30 DE OUTUBRO
Cursos por correspondencia — Matriculas permanentes

O dia religioso

AMANHÃ, 15—Santa Tereza de Jesus, Reformadora das Carmelitas.

Lausperene, sai da igreja de Santa Tereza de Jesus em Carnide, para a de Nossa Senhora da Encarnação, na Ameixoeira.

Santa Tereza de Jesus em Carnide, ás 11 e 30 missa solene por musica da festa do orago, procissão e benção.

Senhora da Encarnação na Ameixoeira, ás 11 e 30, missa, por musica; ás 18, Terço de bemditos.

Graça, ás 18, novena á Senhora de Fatima, por instrumental.

Exposição da imagem do Senhor dos Passos, igrejas do costume.

Carmo, ás 11, missa solene e festa a Santa Teresa de Jesus; ás 18, mês do Rosario e Benção.

OS ITALIANOS EM AFRICA

ROMA, 14. — Confirma-se, oficialmente, que as guarnições italianas na parte central do Alto Planalto da Etiopia, foram no ultimo periodo da estação das chuvas, atacadas. A situação, acrescenta o comunicado, foi restabelecida.—(Havas).

BOLSA DE LISBOA

14 de outubro

CONTADO

VALORES	Efectuado	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 3 3|4 1936 s|j	963$00	961$00	961$00
» 4 0|0 1934 ..	990$00	990$00	990$50
Emprestimo 4 1|2 0|0 1912	—	2.265$00	—
Consolidado 4 1|2 0|0 1933	1.029$00	1.028$00	1.029$00
» 4 3|4 1934 ..	1.157$00	1.157$00	1.164$00
» 5 1|2 0|0 1933	1.082$00	1.081$00	1.083$00
Externo 3 0|0 1.ª Série ..	—	1.740$00	1.148$00
» 3 0|0 2.ª » ..	—	1.892$00	1.895$00
» 3 0|0 3.ª » ..	—	1.740$00	—
Cautelas s|juro 3.ª Série	—	162$00	164$00
Acções			
BANCOS			
Comerc. de Lisboa, port.	—	509$00	513$00
Espirito Santo port.	—	—	—
Lisboa & Açores, port..	—	376$00	—
Portugal, portador.	—	—	—
C.as DE SEGUROS			
Bonança	—	—	—
Fidelidade.....	—	—	—
Mundial	—	248$00	251$00
Nacional.....	—	760$00	770$00
Sagres	—	—	—
Tagus.....	—	—	—
C.as DIVERSAS			
C. P. ordinaria.....	—	—	—
» » privilegiadas	14$80	14$60	15$00
Aguas de Lisboa, port..	—	—	—
» » ass. 1934	—	150$00	—
» » ass. 1936	—	147$00	150$00
Credito Predial	—	17$10	17$50
Gaz e Electricidade.....	319$00	319$00	319$50
Portugal e Colonias.....	85$50	85$50	85$80
Navegação	102$00	102$00	103$50
Portuguesa de Pesca....	—	265$00	270$00
» de Tabacos.	402$00	402$50	403$00
Tabacos de Portugal....	380$00	376$00	380$00
Tabaqueira	—	530$00	—
União Electrica Portug.	—	—	—
COLONIAIS			
Açucar de Angola.....	394$00	394$00	395$00
Busi — 1.ª Emissão	49$00	48$00	49$00
» — 2.ª »	—	47$00	48$50
Ilha do Principe	—	440$00	460$00
Obrigações			
C. P. 6 0|0	—	215$00	220$00
Prediais 6 0|0 — 1932 1.ª S	—	83$50	90$00
» 7 0|0	102$50	102$00	102$50
União Elect. Port, 6 1|2 0|0	—	—	—
» » » 5 0|0 ...	—	—	—
Busi 9 0|0.....	112$50	112$50	113$00
» 6 1|2 0|0.....	—	116$00	117$00

HENRIQUE DE BARROS GOMES
Corretor oficial da Bolsa de Lisboa
TELEF. 2 5482 — RUA S. JULIÃO, 69

CAMBIOS

CHEQUE SOBRE	Compra	Vendas
Londres.....	110$00	110$20
Paris	$74,8	$74,9
Madrid	1$46,6	1$46,9
New-York	22$17,8	22$21,9
Zurich.....	5$10,1	5$11,0
Roma	1$16,6	1$16,9
Bruxelas	3$73,6	3$74,2
Amsterdam	12$25,8	12$28,1
Berlim	8$90,9	8$92,5
Praga.....	$77,5	$77,7
Rio de Janeiro.....	1$31,8	1$32,0
Libra ouro	—	—

Garganta, nariz e ouvidos
Dr. Domingos Andrade
Formado pela Fac. de Med. de Lisboa (Retomou a clinica) — Rua Augusta, 228

Café Restaurante TAVARES
LAGOSTAS vivas ou cosidas para fóra, kilo 18$00. Todos os dias Lagosta á Americana. Grandes e pequenas salas reservadas no 1.º andar.

S. Pedro de Muel

refugio do silencio, da paz e da poesia

S. PEDRO DE MUEL, 12—Constituiu-se a Sociedade dos Amigos da Praia de S. Pedro de Moel, de que fazem parte, entre outros, os srs. dr. Afonso Lopes Vieira, o grande poeta que tem criado o melhor da sua obra aqui, na Casa de S. Pedro, que é o solar do mais puro espirito português; dr. José Custodio de Morais, professor da Universidade de Coimbra—sabio que tem estudado a geologia, a mineralogia e a arqueologia da região, em trabalhos apreciados nos circulos cientificos nacionais e estrangeiros; dr. Adolfo Leitão, conservador do Registo Civil em Lisboa; engenheiro silvicultor Aiala Pinto e José do O', empregado bancario. O grupo pretende realizar um vasto programa, sobretudo no campo da higiene, embora esta praia, por não ser de pesca, esteja longe de se parecer com aquelas ás quais a faina do mar impõe o tributo do mau cheiro.

A Natureza foi prodiga em dons para S. Pedro de Moel: agua pura e abundante, um ceu perenemente azul e, acima de tudo, o Pinhal de Leiria, numa reintrancia do qual se incrusta, a povoação, cujo casario se levanta, em anfiteatro, numa ascensão bizarra de côr, como uma tela de Vlamink, desde a espuma das ondas á sombra das primeiras arvores, que lhe servem de corôa. São esses dons que se pretende completar, pelo trabalho do homem.

Noutros tempos vinham para aqui algumas das melhores familias portuguesas. Que o diga a lenda do Penedo da Saudade, ligada á desventura da marquesa de Vila Real, por perder o marido e o filho no cadafalso. E' de remotas eras a preferencia de muita gente por esta praia. D. Dinis, que tanto amou a região compreendida entre Leiria, Monte Real e o mar, fundou a vila de Paredes, no sul de S. Pedro. Do pinhal, que já existia, fez o rei Lavrador a maravilha que é hoje e que tem acompanhado Portugal através da sua historia, fornecendo a madeira para as caravelas dos seculos XV e XVI, para o levantamento de vilas, para a reconstrução de Lisboa, após o terramoto, para alimentação de fornos das industrias etc.

Esta praia é a joia da floresta—o «pinhal navegador», como lhe chamou, num verso magnifico, Lopes Vieira. Na quadra estival, a sua principal população é constituida por gente de Marinha Grande, que vem passar aqui os domingos. Este habito marinhoto antecedeu muito o «week end» inglês.

O grande poeta das «Ilhas de Bruma», «herdeiro unico da Musa de Garrett», na frase do saudoso Elisio de Carvalho, e muitos outros notaveis portugueses gostam deste recanto tranquilo e inspirador, aconchegado como um ninho entre mar, ceu e arvores seculares. Quere dizer: S. Pedro de Moel sustenta a sua tradição, que começa com a fundação da Monarquia.

Os ruidos das cidades não conseguem atravessar os nove quilometros de largura do pinhal nem a distancia infinita do mar. S. Pedro é, assim, num mundo cada vez mais agitado e convulso, o refugio do silencio e da paz—o reino da luz que se amcia em sombra, a mansão da sombra que se desdobra em luz.

A Sociedade de Amigos da Praia muito se propõe fazer. Precisa, evidentemente do auxilio dos poderes publicos. E' indispensavel prolongar o paredão do lado norte, par onde o casario tende a estender-se.

DE LUTO

Alberto de Sá Correia

Na sua residencia Praça da Ilha do Fayal, 13, 1.º faleceu o sr. Alberto Sá Correia, de 63 anos, natural de Lisboa, engenheiro auxiliar da C. M. L. aposentado. O falecido era irmão do sr. Verissimo de Sá Correia e Henrique da Costa Correia respectivamente director e funcionario da Companhia dos Caminhos de Ferro da Beira Alta, e Braz Sá Correia, Francisco Sá Correia proprietarios, Manuel da Costa Correia inspector da C. M. de Lisboa e André da Costa Correia funcionario da mesma C. M. L. e José Maria da Costa Correia engenheiro dos Caminhos de Ferro de Benguela e o seu funeral, a cargo da agencia Ferreira dos Santos, da rua de Arroios, 211, realiza-se amanhã ás 15 horas, da morada acima, para jazigo no cemiterio do Alto de S. João.

FUNERAIS a onto a prestações
Preços e serviços com os quais ninguem compete
"SRAF" R. das Pedras Negras, 5-1.º
Tel. 2 7288

Quer a sorte grande? Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

TEATROS E CINEMAS

Atrás do reposteiro

Com as ultimas jogadas do xadrês teatral começa a esboçar-se um maior equilibrio na formação dos elencos, saindo, abertamente, do campo da revista para os seus postos no teatro declamado, varios elementos categorizados que andaram, este verão, deambulando pelo teatro ligeiro e de revista. Por sua vez, pelo esboço que desde já se adivinha, julga-se que os teatros de Lisboa terão, este inverno, cada qual o seu genero a explorar, sendo que o publico terá por onde escolher os espectaculos da sua maior predilecção: revistas-fantasias, revistas de recorte habitual, revistas populares, dramas historicos, altas comedias, comedias burguesas, farsas, operetas grandes, operetas populares, e, possivelmente, até «vaudeville».

—A companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha, que hoje dá o seu ultimo espectaculo no Barreiro, com uma festa de homenagem a este artista, estrear-se-á no dia 11 de novembro no Sá da Bandeira do Porto, onde se apresentará com a peça original de Antonio Botto, «O nove de Abril», estreando-se tambem naquele teatro «Envelhecer», «Os Espectros», e mais duas peças novas.

—Ainda este inverno será representada em Lisboa uma das melhores comedias do escritor teatral espanhol Muñoz Seca, peça que em Espanha deu alguns milhares de representações.

—No proximo domingo realiza-se, na Escola Agricola de Paiã, o ensaio geral do «Rancho do Termo de Lisboa», que é constituido por um numeroso grupo de alunos daquele estabelecimento do Estado e por um garboso rancho de raparigas e rapazes da Tuna Recreativa «A Juventude Chelense».

—Começaram já, no Avenida, os ensaios de apuro dos quatro actos da novela cenica «A Milionaria», com que a companhia Adelina-Aura Abranches se estreia, naquele teatro, na quarta-feira, 20, em espectaculos inteiros.

—O grupo de «girls», discipulas de Anahory, que vão participar da revista «Pão Saloio», no Apolo, executarão um interessante friso, tocando bandolins.

—Anuncia-se a renovação, com outros elementos, duma companhia que deve inaugurar a epoca de inverno com uma revista nova, dizendo-se que entre esses elementos figuram as artistas Corina Freire e Maria Benard.

—Estreia-se amanhã, no Sá da Bandeira, do Porto, com a peça «A Tia Engracia», a companhia de Maria Matos.

—No Variedades, depois das representações de «Desculpa, ó Caetano»!, representar-se-á ainda outra farsa, após o que será posta em cena a revista «Olaré, quem brinca!».

—Pensa-se em remontar num dos nossos teatros uma outra comedia de mestre Eduardo Schwalbach, criada há anos no Gimnasio pelo saudoso actor Joaquim de Almeida no seu protagonista.

—Os dois novos intermedios comicos dos «clowns», no Coliseu, são duas autenticas fabricas de gargalhadas.

«Desculpa, ó Caetano!»

Reaparece amanhã no Variedades em espectaculo por sessões

A reabertura do Variedades, sempre que se anuncia, tem sempre o condão de despertar toda a população de Lisboa. Sabe-se de antemão que é sempre um bom espectaculo que vai vêr-se e que uma peça de categoria se representará mais em Lisboa. Dai, poder desde já calcular-se as duas enchentes que registará amanhã o Variedades, onde volta á cena com todos os foros duma «première» a mais desopilante e engraçadissima farsa dos ultimos vinte anos, com os seus três actos esfusiantes de comicidade, através dos quais perpassa toda a veia comica de dois prodigiosos actores, neste genero, os queridos e populares artistas Vasco Sant'Ana e Antonio Silva, que são capazes de fazer rir este mundo e o outro.

A nova companhia do Trindade

Ficou constituida a grande companhia de declamação que vai actuar no Trindade e que inicia os seus espectaculos no dia 28 do corrente com a comedia «Mamã bonita», tradução de Alberto Barbosa e José Galhardo, da peça de Adolfo Torrado e Leandro Navarro, «Madre Guapa», cuja portagonista vai ser interpretada pela grande actriz Palmira Bastos. «Mamã bonita», em três actos, será interpretada ainda pelos seguintes artistas: Irene Izidro, Tereza Gomes, Fernanda de Sousa, Humilta de Macedo, Zéca Fernandes, Maria Guimarães, Paz Rodrigues, Julia Gomes, Erico Braga, Gil Ferreira, Alves da Costa, Barroso Lopes, Tarquinio Vieira, João Silva, Carlos Viana, Jorge Grave e Domingos Pereira. A segunda peça a representar por esta companhia será a comedia «Casa del olvidio», tradução de Lino Ferreira e Fernando Santos.

A preferencia do publico pelo Coliseu

O publico sabe que deve as suas horas mais felizes á companhia de circo e enche, por isso, todas as noites, o Coliseu, para rir a valer e admirar as grandes atracções internacionais, tanto mais que os preços são acessiveis a todos. Sabado: «Matinée».

«Café Metropole», no Odéon e Palacio

«Café Metropole», é o lugar onde se desenrola a maior parte da acção do novo filme do Odeon e Palacio. E o veterano Adolfo Menjou é o francês espertalhão que dirige o Café e usa e abusa duma familia completamente norte-americana cuja menina se apaixona por um falso russo, com quem acaba por casar, a-pesar da menina ser riquissima e ele pauperrimo. A menina é a gentil Loretta Young, e o falso russo o simpatico Tyronne Power.

Verdadeiro interesse têm os complementos do novo programa dos dois cinemas, especialmente o filme cultural «Assassinos» e «Motomaniacos», da serie aventuras dum operador cinematografico, uma viagem descrita a Java, um filme de Buster Keaton, e «Reminiscencias de Espanha», com belos aspectos fotograficos de varias cidades espanholas e de Madrid, a cidade alegre e confiada...—R.

CARTAZ

TEATROS

Eden—A's 20 e 45 e ás 23—«Chuva de mulheres».
Maria Vitoria—A's 20 e 45 e ás 23—«O Cartaz de Lisboa».
Coliseu—A's 21 e 30—Companhia de circo.

CINEMAS

S. Luiz—A's 21 e 30.
Tivoli—A's 21 e 30.
Capitolio—A's 21 e 15.
Chiado Terrasse—A's 21 e 15.
Central—A's 21 e 30.
Condes—A's 21 e 30.
Eden Cinema—R. Alvito—A's 21.
Lys—A's 21 e 15.
Odeon—As 21 e 15.
Olimpia—A's 14 e 30 e ás 21.
Palacio—A's 21 e 30.
Pavilhão Português—A's 21.
Royal—A's 21.
Rex—A's 21.
Salão Ideal—Rua do Loreto.

Os que morrem

Bispo de Curityba

RIO DE JANEIRO, 14.—Faleceu o Bispo de Curityba, D. Francisco Braga.—(Havas).

Para que teimar?!...
Todos sabem que a revista CHUVA DE MULHERES é a grande revelação artística da actualidade, o grande "récord" do nosso teatro ligeiro. CHUVA DE MULHERES, em cena no EDEN TEATRO, é apresentada todas as noites pela Companhia MARIA DAS NEVES, em 2 sessões, ás 8 45 e 11 horas.

E' o publico que o afirma...
A grande revista de 1937
O CARTAZ DE LISBOA
A formidavel "Mascote" do
MARIA VITORIA

PROGRAMAS DE HOJE

S. LUIZ — A's 21 e 30 — Telef. 2 7172 — A Rainha do Patim — com a campeã olimpica Sonia Henie, Irmãos Ritz e Adolphe Menjou

TIVOLI — TELEF. 5 0595 — O Rei dos Optimistas — com Chevalier, Marie Glory e André Lefour

CENTRAL — TEL 24581 — Soirée as 21 e 30 — Concerto na Côrte — com Martha Eggerth

CONDES — A's 21 e 30 — TEL. 22523 — ULTIMA — MARIA PAPOILA (em exclusivo) — filme de Leitão de Barros, com Mirita Casimiro, Antonio Silva,

ODEON — A's 21 e 15 — Telef. 2 6083
PALACIO — A's 21 e 30 — Telef. 4 7163
Café Metropole — com Loretta Young, Tyrone Power e Adolfo Menjou

CAPITOLIO — Tel. 27493 — A's 21,15 — A Revolução de Maio — Ao som das violas — No terraço e no salão

REX — Telef. 2 8656 — A's 21 e 15 — Fanfarra do Amor — Quem matou «Canção Nacional» — No Cinema e Salão de Festas

PAVILHÃO PORTUGUÊS — A's 21 e 15 — O Prisioneiro da Ilha dos Tubarões — Companheiros de viagem

TERRASSE — Tel. 2 6917 — Alarme — Peguim — CZA...DAS

ROYAL — Telef. 45037 — A's 21 — De mal a pior — O mistrio de mr. X

LYS — Telef. 4 8560 — ALARME EM PEQUIM — LUA DE MEL

JARDIM CINEMA — A's 21 — Tel. 6 3765 — «Maria Stuart» (Rainha da Escócia) — «LA CUCURACHA»

CASINO ESTORIL — A's 21 e 30 — A Cidade do Oiro

VICTORIA-BAR
PARQUE MAYER
Apresenta
A formidavel artista
Matilde Ocaña
e
os dois celebres do Jazz
SANTOS e MEDINA

CONDES INAUGURA A EPOCA DE INVERNO 1937-38
na soirée de sexta-feira, 15, ás 9 1/2
COM O FILME DE MARCEL L'HERBIER
interpretado por Marcelle Chantal e Victor Francen
Bilhetes desde já á venda
ENTRE DUAS PAIXÕES

A GUERRA NO EXTREMO ORIENTE

Os japoneses atacaram hoje em todas as frentes de Changai

A batalha desenvolve-se com grande intensidade e os chineses tentam resistir

Os navios de guerra niponicos estão bombardeando Pautoung, á cadencia de dois tiros por minuto.

A «Reuter» informa de Nanquim que aviões chineses, pela primeira vez, sobrevoaram a região costeira de nordeste e bombardearam camiões e arsenais niponicos no porto de Taku. Por outro lado, a mesma agencia diz que esta em construção, ao longo da fronteira do Hopei Honan, a nova linha de defesa china, destinada a evitar que os japoneses continuem a avançar no sentido da margem norte do Rio Amarelo.

Por seu turno, Toquio comunica que os japoneses tomaram Kuei Sui, capital do Sui Yuan, ás 10 horas de hoje. A «Reuter» confirma de Pequim a noticia e acrescenta que os chineses dão, todavia, combates nas ruas e só cedem terreno passo a passo. E' de assinalar que na frente de Sui Yuan fizeram o seu primeiro aparecimento os nevões na noite de 12 para 13, tendo o termometro baixado até 10º negativos.

Quanto a Changai, um dos oficiais da Marinha do Mikado declara que o Exercito niponico, desde que desembarcou até 10 de outubro teve 3046 mortos e 9617 feridos, não estando compreendidos nêste numero os mortos por doença e as perdas da infantaria de Marinha. São calculos para acolher com certa reserva, pois os combates são muito encarniçados e devem ter custado nestas três ultimas semanas mais caros ao exercito do Mikado que no mês precedente.

O bombardeamento a que nos referimos acima teve por origem o facto dos chineses terem rompido numa grande fuzilaria contra os barcos de guerra niponicos, fuzilaria essa que fez baixas. Duas canhoneiras subiram o Uangpu e foram varar á metralhadora a ponte de Pautoung. Os chineses não responderam e o fogo cessou ás 10 horas. Parece confirmar-se que os japoneses encontraram fortissima resistencia contra o seu ataque a sul de Yuanping.

Quanto ao incidente com os automoveis ingleses, os japoneses mantêm que estes foram atacados porque não tinham indicativo da nação a que pertenciam e os confundiram com chineses. Todavia, o inquerito demonstra que os automoveis levavam a bandeira inglesa e seguiam o itinerario de que se dera prévio conhecimento ás autoridades niponicas.

No bombardeamento aereo de Chapei uma bomba caiu em cima de um «electrico» na Concessão Internacional. Parece que o numero de vitimas é elevado.

A «Reuter» informa que o marechal Shang Sueh Liang vai retomar, dum momento para o outro, o comando das suas tropas. Trata-se do general que em tempos se revoltou contra Chang-Kai-Check.

Por seu turno, a «Domei» comunica que hidros niponicos bombardearam o aerodromo de Tac Chiao, nos arrabaldes de Nanquim e outros estabelecimentos militares. Acrescenta que de 10 aviões chineses que levantaram vôo para dar combate aos bombardeiros niponicos, três foram abatidos.

Grande ofensiva japonesa contra Changai

De Changai informam á Reuter:— Esta manhã os japoneses atacaram todas as frentes de Changai. Conta-se com uma forte resistencia chinesa no centro, onde estão concentradas seis divisões do governo central as quais foram violentamente bombardeadas pela aviação e pelos navios de guerra japoneses. Este bombardeamento foi tão violento que edificios situados a 3 quilometros de distancia ficaram danificados. Por outro lado, os navios de guerra niponicos bombardearam Poo-Tung, mas os chineses ripostaram com fogo de metralhadoras. Anuncia-se que foi afundado um torpedeiro chinês perto da ilha de Tsung-Min-Gag, ao largo de Woo-Sung.

Sabe-se tambem que duas granadas lançadas pelos aviões japoneses na parte da concessão internacional ocupada pelos fuzileiros da Marinha americana mataram 15 chineses e feriram 25. Um electrico que passava nessa ocasião ficou reduzido a estilhas assim como varios juncos. Mais tarde as autoridades chinesas anunciaram que o numero de vitimas do electrico bombardeado foi de 10 mortos e de cêrca de 30 feridos.

Os bombardeamentos continuam. A's 18 horas aviões chineses fizeram um «raid» contra as posições niponicas no Yang-Tsé-Pu, onde largaram diversas bombas. A artelharia antiaerea japonesa reagiu com violencia. Uma das granadas estalou sobre a concessão francesa e um dos estilhaços feriu uma criança. Entretanto, em Put Tung, a artelharia dos navios niponicos e das baterias chinesas troa incessantemente. No bairro dos negocios as casas tremem como sob a influencia dum tremor de terra continuo. Parece que os chineses passaram á ofensiva.

Entretanto a «Reuter» informa de Hong-Kong que Cantão está, por completo, isolado, quer por mar, quer por terra, de Hong- Kong. Aviões do Mikado bombardearam esta tarde a via ferrea de Hong-Kong a Cantão e avariaram os cabos telefonicos entre as duas cidades. O bombardeamento dos japoneses continua.

Comunicado da Legação da China em Lisboa

A legação da China em Lisboa recebeu hoje, de Changai, o seguinte telegrama, que nos transmitiu:

«Malograram-se diversas tentativas japonesas no sentido de desembarcarem tropas a nordeste de Liuho.

Vinte navios de guerra japoneses e dezassete transportes chegaram ao largo da costa, que bombardearam durante toda a noite, antes de intentarem o desembarque da infantaria. Os metralhadores chineses aguardaram, com toda a calma, até as tropas japonesas se acharem ao alcance. Os japoneses foram, então, apanhados de surpresa, tendo-se produzido um grande desastre ao serem colhidos quando ainda não tinham pizado terra e se encontravam com agua por cima dos joelhos.

Ao sul de Wentsaopang, a batalha prosseguiu, com grande violencia, durante toda a noite.

Os japoneses lançaram todas as suas tropas disponiveis nêste sector sôbre as linhas chinesas, que se estendem ao longo da estrada de Liuhang a Dazang. Os japoneses avançaram ligeiramente, durante as primeiras fases da batalha; as tropas chinesas, porém, desencadearam uma contra-ofensiva geral que sustou o avanço japonês, obrigando as tropas niponicas a recuar até ás suas linhas de partida. Os japoneses abandonaram sessenta mortos.

Aviões japoneses atacaram, com fogo de metralhadoras, Ming-hong, numa zona que não é militar.

Uma linha composta de 23 vasos de guerra e transportes japoneses estende-se até 45 milhas a noroeste de Changai; todavia, nenhuma nova tentativa de desembarque se registou, nêste ponto, desde o insucesso da tentativa do dia 11.

No sector de Lotien-Liubo regista-se uma actividade reduzida. As tropas japonesas parecem aguardar o desembarque de reforços.

Por uma ordem do Exercito encontrada em poder de um prisioneiro, sabe-se que a 9.ª Divisão japonesa tinha recebido, em 9 do corrente, a ordem de se apoderar duma aldeia a sudeste de Lotien. Porém, a unidade japonesa mais proxima do ponto indicado acha-se a 2.500 metros de distancia.

Esta manhã, os japoneses bombardearam Wentsaopang, no intuito de deterem o avanço chinês. As tropas japonesas estão, actualmente, entrincheirando-se na baia sul, após o fracasso da sua marcha sôbre Dazang.

Hoje, de manhã, aeroplanos japoneses bombardearam sistematicamente Chapei, sem causarem, todavia, prejuizos de valor militar. Tambem bombardearam aldeias situadas fora da linha de batalha, matando bastantes civis.

Aviões chineses realizaram, de surpresa, um «raid» sôbre a base militar japonesa de Tientsin, causando avultados prejuizos ás tropas japonesas. Igualmente bombardearam um porta-aviões e varias unidades da esquadra japonesa surtas no porto de Lienyiungkiang, ao norte da provincia de Kiangsu, causando pesadas perdas aos japoneses.»

Foi atingido um navio de guerra americano

CHANGAI, 14. — Quando do bombardeamento das posições chinesas, no sector de Pautoung, por navios de guerra japoneses, estilhaços de granadas cairam sôbre o navio de guerra americano «Augusta», onde um marinheiro ficou ferido. O almirante Hasegava exprimiu o seu pesar por este incidente.—(D. N. B.).

Chineses massacrados

CHANGAI, 14—Um telegrama de Tai-Yuan para a agencia chinesa «Central News», informa que as tropas japonesas que se apoderaram de Choh-Sien massacraram 2 mil habitantes e queimaram vivos o «maire» e os conselheiros municipais.—(Havas).

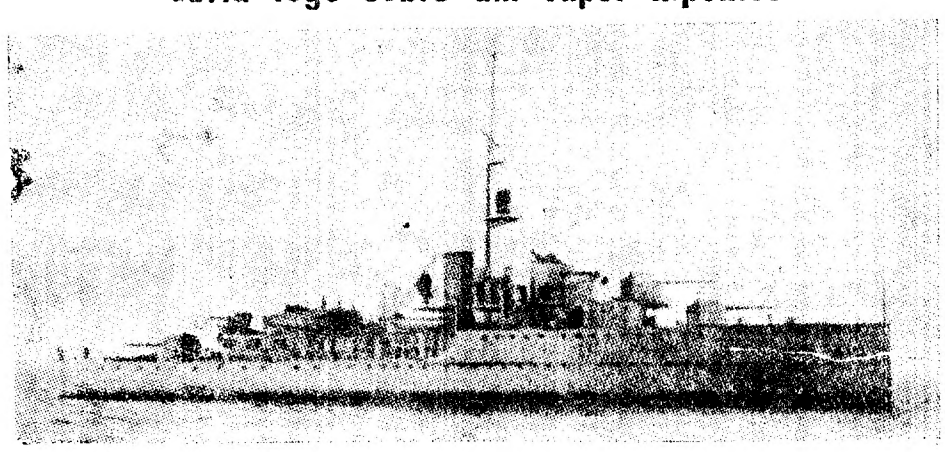
O general Morais Sarme

Um desfile de infantaria perante o c Estado

Uma cozinha

Um navio de guerra holandês

abriu fogo sôbre um vapor niponico



O aviso holandês «Flôres»

LONDRES, 14—Da Haia informa á Reuter: Segundo noticias aqui chegadas travou-se um combate entre o aviso holandês «Flores» e o navio niponico «Trashinmaru», no arquipelago de Anambas, ao norte da Sumatra. Parece terem ficado feridos dois japoneses. Não ha pormenores, mas é de crer que o incidente seja da mesma natureza do de 1 de Outubro em que o mesmo «Flores» abriu fogo contra o «Tokeimaru» barco da pesca niponico que andava a pescar em aguas holandesas. Esse incidente custou a vida a 2 japoneses, tendo ficado feridos outros dois.—(Havas)

Uma linha de fortificações

na fronteira da Romenia

BUCARESTE, 14.—Foi dada como concluida a nova linha de fortificações ao longo da fronteira hungara. O chefe do governo e o ministro da guerra foram inspeccioná-la.—(Americana).

Barbosa & Costa L.da
Largo R. Bordalo Pinheiro, 7 a 12
apresentam o novo tapete **HALCÁ**
O melhor tapete Portugues
com preços de concorrencia
Grande **stock**
Telefone **2 3562**

Ultima Noite Mari
Condes

...to provando o rancho

...efe supremo das manobras e o seu Maior

em marcha

De regresso da Italia

No paquete «Vulcania», que atracou esta tarde ao Cais da Rocha do Conde de Obidos, regressou a Lisboa a comissão de senhoras composta da deputada á Assembléa Nacional, dr.ª D. Maria Baptista Guardiola, D. Fernanda de Orey e D. Maria Novais Pinto, que foram á Italia em missão de estudo.

MOBILIAS DA GRANJA
Se V. Ex.ª vai mobilar s/ Casa visite primeiro as n/ exposições de mobilias e tapetes, onde encontrará sempre os mais belos modelos. C. Sacramento, 6 (ao Chiado) Lisboa

a Papoila

OS EXERCICIOS MILITARES

—o-o—

As forças em manobras

partem amanhã á noite para a ocupação das suas posições defensivas

(Do nosso enviado especial)

ESTREMOZ, 14. — *(Pelo telefone)*. — O general Morais Sarmento, major-general do Exercito e comandante supremo das manobras, acompanhado pelos generais Bernardo do Canto e Schiappa de Azevedo e por outros oficiais, prosseguiu hoje nas suas visitas ás unidades bivacadas na região de Estremoz, assistindo tambem á passagem das que pela via ordinaria marcham para os locais de concentração, e vendo as que estavam armando as suas tendas Antes do almôço, realizou-se uma demorada visita ao acampamento dos três «terços» de legionarios—dois de Lisboa e um de Evora—que formam o batalhão da legião nas manobras.

Em seguida a ter visto os bivaques das outras unidades, o general Morais Sarmento veio almoçar a Estremoz, tendo, á tarde, visitado, perto de Souzel, o campo de aviação ali improvisado para os exercicios.

Prossegue a concentração de tropas

O general Morais Sarmento visitou hoje varias concentrações de tropas, entre outras, o acampamento da «Legião Portuguesa», que veio de Lisboa. Continuam a chegar mais contingentes de varios pontos do país, hoje é o ultimo dia de concentração. Assim, chegaram uma companhia de metralhadoras, e outra de atiradores, outras de caçadores 2; duas companhias de infantaria 4; uma companhia de metralhadoras, de caçadores 7; outra de metralhadoras de caçadores 5; uma bateria de artelharia 24; uma companhia de atiradores de caçadores 6; um esquadrão de cavalaria 4; contingentes da Escola Pratica de artelharia de Vendas Novas e 2 esquadrões de cavalaria da Escola Pratica, de Torres Novas.

A' tarde, o general Morais Sarmento, acompanhado dos oficiais do estado maior, visitará o aerodromo de Souzel, e ás 20 horas começará o avanço das tropas para as posições defensivas indicadas pelo alto comando.

O marechal von Blomberg

em Ponta Delgada

PONTA DELGADA, 14. — O marechal von Blomberg, que chegou ontem aqui a bordo do aviso «Grille», visitou hoje as Furnas.

Uma força de desembarque daquele barco de guerra prestou homenagem ao monumento a Carvalho Araujo.

O aviso «Grille» parte para Wilhelmshaven dentro de 24 horas e o marechal von Blomberg segue dali para Berlim em avião.

Retiro da Severa (Cine-Rex)
Rua da Palma
Telef. 2 5979
Deonilde Gouveia
Jesuina de Melo
José Tovar
Augusto Pereira
ENTRADA FRANCA

Antigo Solar da Alegria
P. Alegria, 56—Tel. 2 4290
Lucilia do Carmo, Obilia Amaral, Artur Pinha, Jaime Silva, Filipe Pinto, e o concertista de viola **Martinho d'Assunção.**
Consumo 2$50—Esmerado serviço de restaurante.

TAPETES PORTUGUESES
Ninguem compre sem visitar a interessante exposição da *Casa de Artigos Regionais* — Arte e Ménage—Alecrim, 71, 1.º—Telef. 2 0711.

Lanches para casamentos
PATISSERIE VERSAILLES

NUM AMBIENTE PORTUGUÊS

A importancia da colonia lusitana

em toda a região da Nova Inglaterra

JOSEPH F. FRANCIS

advogado em New Bedford e presidente da «Portuguese-American Cine Leage»

PROVINCETOWN, setembro.—Mais de dois mil portugueses ou descendentes directos de lusitanos se reuniram agora em Provincetown, por motivo do setimo congresso anual da Portuguese-American Civic League. Tem o aspecto emocionante duma reunião familiar esta parada de forças da colonia portuguesa do Estado de Massachusetts. Provincetown, um dos mais tradicionalmente portugueses burgos da Nova Inglaterra, caprichou em oferecer aos visitantes, carinhosa e festiva recepção, como se se tratasse simplesmente de reunir parentes dispersos pelas exigencias do trabalho ou da fortuna.

As côres da nossa bandeira, agora mais lindas pela arejada frescura e pela recordação viva da terra distante, ligam numa combinação admiravel com o azul, branco e encarnado dos americanos. Cartazes, ingenuamente escritos em português, apresentam boas vindas em diversos pontos. Nos estabelecimentos é em português que se nos dirigem a maior parte das vezes com um «Sua Excelencia» são de tempos passados e uma linguagem mais castiça, conservada pela falta de convivio directo com o velho país da ascendencia. Ha circulos de cavaco donde o inglês foi banido e onde dá gosto ouvir a nossa lingua, articulada no caracteristico cantar das ilhas, com arcaismos saborosos e uma construção que chega a ter o seu encanto literario.

O salão nobre do Municipio foi o lugar escolhido para a reunião da Liga. Centro habitual de toda a actividade oficial desta pacata localidade, é agora uma verdadeira casa portuguesa, como declarou aliás, num discurso simpatico, o respectivo presidente, tambem filho de emigrantes da nossa Beira. Sala ampla, com o ar simples dum grande teatro de provincia, a sua unica decoração consiste em duas bandeiras, com as mesmas dimensões, colocadas uma ao lado da outra sobre o pano pintado do palco: a portuguesa á direita da americana.

Foi neste ambiente singelo que tive ocasião de me aperceber, na vespera do congresso, da importante posição que ocupam neste Estado os luso-americanos. Num banquete de cêrca de 300 talheres ouvi falar personalidades categorizadas, como juizes, advogados e grandes industriais, que recordam com entusiasmo a sua ascendencia portuguesa. E confesso que foi com certo orgulho que escutei, numa mensagem oficial e significativa do governador do Estado, Hurley, referencias exactas aos feitos dos portugueses de outrora e elogios, bem merecidos de resto, á prodigiosa actividade que actualmente desenvolvem na America os colonos lusitanos.

* * *

Está aqui um homem que comanda todo este exercito de colonos portugueses. Cheio de prestigio e gosando duma invejavel popularidade, distribui sorrisos por toda a parte e reune á sua volta a colónia inteira, com constantes ditos de espirito. E' o advogado de New Bedford Joseph F. Francis, como hoje o obrigam a escrever as exigencias da sua vida profissional, filho duma senhora que emigrou dos Açores, e a quem tem estado confiada a presidencia da Portuguese-American Civic League. E' dificil apanha-lo livre, ou melhor, afasta-lo do publico que o rodeia sempre ansioso de compartilhar da sua permanente boa disposição. Para falar da terra que considera a sua segunda patria, porém, é ele proprio que encontra a ocasião e o ambiente propicio.

—Como vê, estamos em Portugal—diz-me falando correctamente a nossa lingua.

—E' com efeito uma agradavel e inesperada visão que me oferece neste momento Provincetown, tanto mais curiosa quanto é certo que, chegando ha pouco aos Estados Unidos, só conhecia ainda o grande centro cosmopolita que é Nova York. Só aqui se pode fazer bem a idéa do que é a colónia portuguesa nesta região.

—Oh! Meu amigo, é mais importante do que possa supor-se á primeira vista. Dispondo de cinquenta mil votos, só no Estado de Massachusetts, podemos influir decisivamente na vida estadual. Deve ter, aliás, depreendido isto mesmo da mensagem enviada pelo governador Hurley...

«E' precisamente a reunião destes portugueses, outrora isolados ou dispersos por clubes ou simples agremiações recreativas, que a Liga tem procurado promover, com muito exito, felizmente.

—Com que finalidade?

—Apenas para criar um nucleo forte de defesa dos interesses dos cidadãos americanos de origem portuguesa neste Estado e para aumentar o seu bem estar, através duma educação civica, politica e social, de forma a permitir-nos disfrutar oficialmente da situação a que o nosso numero elevado nos dá direito.

Apressa-se a esclarecer:

—E' claro que isto não quere dizer que desenvolvamos qualquer actividade partidaria—precisamente uma das caracteristicas fundamentais da Liga é a completa neutralidade politica, de que ninguem será capaz de afastar-nos. Mas dentro do espirito livre da nação americana, é absolutamente natural que acompanhemos a marcha dos negocios publicos muito de perto e que concedamos o nosso apoio áqueles que, por serem do mesmo meio e terem os mesmos sentimentos, podem ser uteis á causa da colonia.

Com uma pontinha de magoa:

—Nós somos oficialmente cidadãos americanos, mas não deixamos por isso de nos considerarmos portugueses. Adoramos, naturalmente este país novo, activo, que nos permite viver em condições talvés unicas no mundo actual, mas não esquecemos que os nossos pais são portugueses e que lá longe, do outro lado do Atlantico imenso, vivem os nossos parentes mais proximos. Vê como falamos português? Sente como acarinhamos a bandeira verde-encarnada? Compreende o prazer com que esta gente reclama a instalação de escolas portuguesas nestes centros em que a colonia é mais numerosa? Pois bem, é isto, suponho eu, que muita gente não sabe em Portugal e que nós desejariamos que se soubesse ...

E com a alegria de ter encontrado uma feliz oportunidade, termina:

—Olhe, diga, diga no «Diario de Lisboa» que os portugueses da Nova Inglaterra saudam os seus compatriotas, pelo sentimento e pelo sangue que lhes corre nas veias, e que é sempre com o maior interesse que seguem as palpitações da sua existencia e sentem as suas ansiedades.

MARIO NEVES

AMERICA STAND

A casa mais antiga na venda de

AUTOMOVEIS DE OCASIÃO

Todos os carros vendidos por esta firma podem ser examinados antes do negocio fechado, por qualquer mecanico, sendo esta a maior garantia que esta casa dá aos seus Ex.mos Clientes

CARROS PARA VENDA ACTUALMENTE

Pontiac cond. 8 cili., telefonia	Modelo 1934	**Buick** coupé 2|2 lug. 6 cili.	Modelo 1934
Dodge cond. 6 cili.	Modelo 1934	**Plymouth** coupé 2|2 lug. 6 cili.	Modelo 1934
Minerva cond. 6 cili.	Modelo 1930	**Morris** 2 lug. 8 HP. 4 cili.	Modelo 1934
Pontiac cond. 8 cili., telefonia	Modelo 1936	**Ford** cond. 10 HP.	Modelo 1636
Terraplane cabriolet 2|2 lug. 6 cili.	Modelo 1934	**Cord** cabriolet 2|2 lug. 8 cili.	Modelo 1932
Windsor Roadster 2|2 lug. 6 cili.	Modelo 1932	**Citroën** camionete B-12 para carga	250 quilos

Encarrega-se da compra e venda a pronto e a prazo

Alberto Camara

Representante para Portugal e Colonias do

"HISPANO-SUIZA"

68 — Rua Escola Politecnica — 72

Telef. 4 5596 — LISBOA

Se

quere beber um vinho ESPUMANTE NATURAL de grande classe, não inferior aos melhores do estrangeiro, peça uma das seguintes marcas da REAL COMPANHIA

SUCESSO
PROGREDIOR
ASSIS BRAZIL
PRIMEIRA RESERVA
EXTRA RESERVA

Encontram-se á venda em todos os bons estabelecimentos

Ennor, L.da

Transportes por domicilio a

Sucessor

camionagem domicilio

Rapidez, correcção e seguros contra todos os riscos

Transportadora das melhores Emprezas do País

PÔRTO
Rua Azevedo Coutinho, 132 (ao Bessa)
Telefone 6102

LISBOA
Rua Gilberto Rôla, 8 (a Alcantara)
Telefone 2 4792

POR 5$00

Semanais, todos podem adquirir **Relogios de todas as marcas**, joias e objectos de ouro e pratas, inscrevendo-se já, no sistema de Vendas a Prestações, **com Bonus em todas as lotarias. prazo de pagamento 30 semanas**, podendo o objecto ser adquirido a primeira prestação **somente por 5$00. F. de Sousa Torroais**, Rua de S. Paulo, 106. Telef. 26508.

MOSAICOS

Goarmon & C.ª

Travessa do Corpo Santo, 17
LISBOA - Telef. 21059

---

não há sorriso encantador sem dentes bonitos

Para ter dentes duma alvura deslumbrante, nada se compara à pasta dentífrica POMPEIA que, sem desgastar o esmalte, lhe dá um brilho magnífico.
Dentifricio altamente recomendado, a pasta POMPEIA tornará os seus dentes mais belos. Existe em três côres: vermelho vivo, vermelho e côr de rósa.

PASTA DENTIFRICA

POMPEÏA

L.T. PIVER

Rua Soraiva de Carvalho, 207-B — LISBOA

SATURIO PAIVA
Da Escola Dentaria de Paris
RETOMOU A CLINICA
Doenças da bôca e dos dentes—Prothese —Orthodoncia
R. Santa Justa, 60-2.º
Telef. 2 4300

ESTRANGEIRO

CAMPOS & C.ª
Vila Nova de Gaia
— os melhores —
VINHOS DO PORTO

Tropas italianas para a Libia

ROMA, 14—A bordo do vapor «Roma» embarcaram o estado maior da divisão «Cirene», que se destina á Libia, assim como dois batalhões do 225.º regimento de infantaria.—(D. N. B.).

LONDRES, 14.—Segundo o «Manchester Guardian» há razões para crêr «que o ôoverno italiano prepara o envio dum novo corpo de Exercito para a Libia». «A decisão foi já tomada—diz—mas o comando italiano ainda não decidiu se o novo corpo—o 21.º—se comporá de duas ou três divisões. As tropas italianas na Libia serão—segundo parece—quatro vezes mais numerosas do que as tropas francesas na Tunisia, mesmo que o novo corpo de exercito tenha apenas duas divisões».—(Havas).

A agitação na Palestina

MILAO, 14.—O correspondente em Jerusalem do "Corriere della Sera" informa de Aman que destacamentos de wahabitas passaram a fronteira da Transjordania. Os wahabitas teriam abatido e incendiado um avião militar britanico, cujos tripulantes morreram. As autoridades responderam ao acto, enviando para os locais destacamentos motorizados e uma esquadrilha de aviões.—(D. N. B.).

A visita de Chamberlain ao rei

LONDRES, 14—Durante a noite, a "Press Association" publicou um comunicado, segundo o qual a visita que Chamberlain, presidente do Conselho, fez ontem ao rei, foi de caracter estritamente formal e não teve relação alguma com as deliberações de ontem do gabinete.—(D. N. B.).

Incidentes na Austria

VIENA, 14.—Assinala-se certa reacção da parte dos nazis contra a propaganda politica dos legitimistas, principalmente na Carintia, onde alguns manifestantes nazis deitaram bombas lacrimogenias em dois comicios organizados pelos legitimistas.—(Havas).

CAIMBRAS DO ESTÔMAGO
Inimigo Dissimulado!

Sob êste têrmo vulgar de—caimbras—ocultam-se muitas vezes graves moléstias do estômago. O estômago é uma máquina que trabalha pesadamente três vezes ao dia. Uma pequena roda que se desloque e à qual se não preste imediata atenção, póde avariar todo o mecanismo. Um pequeno desarranjo do estômago póde degenerar em gastralgia, dispepsia ou em dilatação aguda. Em 99 casos dentre 100, um pouco de Magnésia Bisurada tomada num pouco de água aliviará instantaneamente os casos de azias ou excesso de acidez devidos a um alimento muito rico ou muito abundante. Êste medicamento acalma imediatamente os incómodos e a dor, evitando em muitos casos as conseqüências graves. Para todos os que têm o estômago delicado, a Magnésia Bisurada facilita a digestão, evita a flatulência, os arrôtos, as crispações e as caimbras depois das refeições. A Magnésia Bisurada que tem dado as suas provas em todos os países do mundo, é inofensiva e fácil de tomar. Logo que V. Exa. sentir que "tem estômago," o que nunca deveria acontecer, um pouco de Magnésia Bisurada, em pó ou alguns comprimidos, far-lhe-á esquecê-lo. Póde comer então de todos os pratos preferidos sem receio das dores da digestão.

MAGNÉSIA BISURADA
Vende-se em todas as farmácias, em pó e em comprimidos a Esc. 15$00 e o tamanho grande económico, a Esc. 23$00.

A nota alemã á Belgica

e os comentarios da Imprensa do Reich

BERLIM, 14.—A Imprensa alemã é unanime em pôr em destaque o particular alcance da troca de notas efectuada ontem entre a Alemanha e a Belgica.

O «Deutsche Allgemeine Zeitung» chama a atenção para o facto de, desta vez, tambem alguns jornais franceses atacarem esta nova acção da paz do chanceler Hitler. Certos jornais pretendem que a nota alemã seria devida ao recente discurso do presidente Roosevelt. Ora na verdade a declaração alemã foi preparada muito antes do discurso que Roosevelt pronunciou em Chicago. Alguns jornais ha que falam duma conspiração germano-italiana. E' inutil dizer que esta calunia entra na mesma linha. Tanto se tem servido em França do termo paz que já não podem imaginar que seja empreendida uma verdadeira acção de paz sem segundos pensamentos. Tentam tambem fazer crer que o Fuehrer, por esta acção, teria querido voltar ao pacto a quatro, o que não corresponde em nada aos factos.

O «Germania» frisa que a Alemanha, precisando a sua atitude para com a Belgica, deu a este estado a possibilidade de realizar na prática a politica de soberania e independencia que desejava. Não se pode deixar de dizer que a Alemanha deu uma importante contribuição para a paz e que não deixará de ter repercussões favoraveis nas relações amigaveis que unem os dois países vizinhos. A solução do problema belga não é de pouca importancia, tanto mais que certas capitais europeias viram nela um dos factores que retardavam a conclusão do pacto a quatro. Portanto, em Paris e em Londres, predomina a opinião de que o caminho está agora livre para uma cooperação europeia nêste sentido. Isto seria mais uma repercussão favoravel a atribuir á acção germano-belga.

O «Frankfurter Zeitung» observa que, para a Belgica, a necessidade de chegar a um regulamento da situação tornava-se cada vez mais urgente. A declaração alemã deu á Belgica a possibilidade desejada. Não é agora mais do que uma questão de oportunidade estabelecer uma ponte diplomatica entre as convenções anglo-franco-belga e a germano-belga, ponte que permitiria chegar ao novo estatuto encarado pela Belgica e que constituiria ao mesmo tempo um nó dum pacto do oeste.—(D. N. B.).

Anti-fascistas condenados

ROMA, 14—O julgamento dos anti-fascistas milaneses terminou tarde. Foram condenados a 10 anos de prisão: Morandi, Venanzi, Testa, Ravagzeni, e Aligi Sassu. Absolvidos: Luzzato, Todeschini, Antolini, Mauri e Malarquini. Os restantes foram condenados a penas entre 1 a 4 anos de prisão.—(Havas).

Um concurso para o livro da Italia Imperial

ROMA, 14.—Ao concurso para a escolha do melhor hino da Italia Imperial concorreram cêrca de duzentos musicos. O premio é de 50 mil liras.

O juri presidido por Pietro Mascagni já trabalha no exame das peças.—(Americana).

A tragedia das minas

ESSEN, 14—Produziu-se uma explosão de grisu na mina Nordstern, em Gelsenkirchen Horst. Morreram quatro mecanicos, dois mineiros e um electricista. Dois outros mineiros ficaram feridos.—(D. N. B.).

A educação fisica

nas escolas alemãs

BERLIM, 14.—O ministro da Educação, dr. Rust, decretou que, nas escolas primarias sejam consagradas cinco horas por semana a exercicios fisicos. Observações feitas, durante quatro anos, em 145.000 crianças permitiram fixar o esforço medio que se pode exigir da infancia. Foram organizados quadros minuciosos, os quais fornecem aos professores todas as indicações sôbre os exercicios que podem mandar fazer aos alunos, conforme as idades, desenvolvimento fisico, etc. Os exercicios são divididos em três partes: gimnastica, desporto e pesos. Os estudos não poderão ser prejudicados. O ideal nacional socialista, diz o diploma, é semelhante ao dos antigos gregos, cuja educação devia desenvolver, harmonicamente, o espirito e o corpo.

O «Volkincher Beobachter» comenta que, pelo conhecimento da capacidade fisica dos estudantes, se poderá reconhecer o futuro oficial.—(Americana).

Suspeitas de sabotagem

num navio americano

WASHINGTON, 14—Abriu-se um inquerito a proposito duma avaria que se deu a bordo do cruzador «Vincennes», por se suspeitar de sabotagem. O cruzador andava em experiencias, pois deve largar em 8 do proximo mês para se juntar á Esquadra do Pacifico, quando subitamente um dos motores do leme deixou de funcionar. Verificou-se que essa avaria era devida a um bocado de ferro, metido nas engrenagens do motor.—(Havas)

O Egipto organiza

a sua defesa

CAIRO, 14—O governo vai apresentar ao Parlamento a nova lei de recrutamento que estabelece o serviço militar obrigatorio. Por outro lado, vai tambem empreender no Egipto a construção de fabricas de munições de guerra. O seu custo está avaliado em 500 mil libras.—(Havas)

Sir Charles Wingfiedl

foi recebido pelo rei

LONDRES, 14.—O rei de Inglaterra recebeu esta tarde, em audiencia, no Palacio de Buckingham, sir Charles Wingfield, ex-embaixador da Inglaterra em Lisboa, que passa á situação de reforma.—(Havas).

ELIMINE OS PELOS
COM
A LUVA DEPILATORIA
SENHARIGILO
Processo moderno
Eficacia absoluta
Fazem-se demonstrações
A' venda nas boas casas
DISTRIBUIDORES:
VIALIS, L.DA
R. Fanqueiros, 62, 1.º, E.
LISBOA
Tel. 29434

NOTICIAS DO BRASIL

Papel moeda em circulação

RIO DE JANEIRO, 14.—A Caixa de Amortização do Ministerio da Fazenda informou que o «stok» de papel moeda em circulação no dia 30 de setembro atingiu o valor de quatro milhões 219 mil e 108 contos de reis.—(Americana).

Movimento diplomatico

RIO DE JANEIRO, 14.—Ruben e Lelo, secretario da embaixada do Brasil em Roma, foi nomeado para a legação de Viena.—(Havas).

As eleições na Argentina

BUENOS AIRES, 14.—A's 20 horas reunirão os convencionais para a eleição definitiva do presidente. O resultado será comunicado á Assembléa Legislativa, que o deverá aprovar e proclamar, solenemente, o presidente. Segundo parece, os alvearistas decidiram fazer obstrução e não comparecer. Todavia, a maioria de Ortiz é bastante para garantir a proclamação. A manobra da oposição apenas procuraria efeito moral.—(Havas).

De Valera resigna

LONDRES, 14.—De Valera anunciou que, dentro da nova constituição, que entra em vigor no fim do ano, não apresentará mais a sua candidatura a presidente do Conselho. Segundo o «News Chronicle», de Kelly, actualmente ministro na Santa Sé, será o seu provavel sucessor.—(D. N. B.).

Um tremor de terra

no Mexico

NOVA YORK, 14.—Comunicam da capital do Mexico que se sentiu na cidade e nos arredores um tremor de terra. Foi grande o panico. Muita gente saiu para a rua, sem se vestir, pois o fenomeno ocorreu de noite.—(Americana).

MÉNAGE IDEAL
UTILIDADES - NOVIDADES
162 — Rua da Prata — 166

COLCHÕES DE BOA LÃ LAVADA OU DA MELHOR SUMAUMA DE JAVA, DE PALHA DE MILHO, CRINA, CORTIÇA, ETC. VEJA QUALIDADE E PEÇA PREÇOS A' ANTIGA CASA FIGUEIREDO — RUA DA PRATA, 215 e 217.

A sua qualidade nunca sofre alteração — eis porque fumo
CRAVEN "A"
CIGARROS 100% VIRGINIA
Especialmente fabricados para evitar afecções da garganta
CARRERAS LTD. LONDRES
150 ANOS DE REPUTAÇÃO, PELA SUA MAGNIFICA QUALIDADE

LONGINES
Sempre na vanguarda das bôas marcas
10 GRANDS PRIX

MAURICIO
DECORAÇÕES E MOBILIARIO
As mais elegantes criações
Rua Augusta, 240, 1.º
Tel. 2 8229

Supersom
RADIO
Em exposição os famosos modelos 1938
Rua da Conceição. 35. 1.º

ULTIMAS NOTICIAS

INSTITUTO LUSITANO
Ambos os sexos em sedes separadas
Lisboa — Benfica
Telef. 5 8074
Continua aberta a matricula em todas as classes até á 7.ª do liceu.

A GUERRA CIVIL EM ESPANHA

A retirada dos voluntarios e o reconhecimento da beligerancia

serão os principais assuntos a tratar na reunião da Comissão de Londres

LONDRES, 14.—Ainda se não publicou a ordem do dia da nova sessão da Comissão de não-intervenção ignorando-se, portanto, ainda se os trabalhos recomeçarão no ponto em que foram interrompidos.

Nas esferas oficiais declara-se que a opinião do governo britanico não mudou a respeito da ordem de prioridade dos assuntos, isto é: primeiro retirada dos voluntarios, segundo reconhecimento da beligerancia.

Nas ultimas sessões da Comissão manifestara-se inteira divergencia entre alemães e italianos, dum lado, e franceses e ingleses do outro, a respeito daquela ordem de prioridade.

Nas mesmas esferas desmente-se, que aos trabalhos se fixe um prazo maximo, manifestando-se, todavia, o desejo de que esses trabalhos cheguem, o mais breve possivel, a um resultado. Dá-se a entender, tambem que de conformidade com o plano de 14 de julho ultimo, poderia ir a Espanha uma comissão fiscalizar a retirada dos voluntarios logo que a Comissão, a este respeito, chegasse a acôrdo.—(Havas).

Conselho de ministros em Paris

PARIS, 14. — O Conselho de ministros reuniu-se, de manhã, no Eliseu, sob a presidencia do Chefe do Estado. Delbos, expôs, pormenorizadamente, as negociações em curso com respeito ao problema espanhol e acêrca da proxima reunião da Comissão de Londres. Depois expôs ao Conselho as linhas gerais das propostas, precisas, a fazer conjuntamente pela França e Inglaterra. O Conselho aprovou, unanimemente, o conteudo da nota que vai ser enviada esta tarde a Londres sôbre o assunto.

Georges Bonet fez uma exposição a respeito da situação financeira e marcou-se a reunião proxima do Conselho para 19 do corrente.—(Havas).

Anuncia-se a ida a Londres de Chautemps e Delbos

PARIS, 14.—O «Intransigeant» anuncia que é possivel que Chautemps e Delbos sigam, no fim da proxima semana, para Londres, a-fim-de tratarem, com os seus colegas britanicos, de regular a questão da Espanha.—(D. N. B.).

Os comentarios dos jornais de Paris

PARIS, 14.—O «Petit Journal», a proposito da situação internacional, escreve: «Uma conferencia limitada entre as grandes potencias directamente interessadas: Inglaterra, França, Italia, Alemanha e U. R. S. S. parece ser, no momento presente, o melhor para resolver o «embroglio» da Comissão de Londres».

O «Matin» diz que «nas esferas bem informadas se dava ontem a entender que em caso de não se conseguir solução na Comissão de Londres, dentro de duas semanas, a França e a Inglaterra proporiam á Italia a ocupação, pelas três potencias das Baleares em perfeito pé de igualdade com o livre jogo das três frotas mediterranicas».

O «Petit Parisien» declara que «a Inglaterra e França julgaram ser bom, a-pesar da resposta tão pouco animadora da Italia tentar fazer um grande esforço diplomatico a-fim-de se resolver, amigavelmente, o problema espanhol. Não renunciaram, de forma alguma, contudo, ás medidas de salvaguarda susceptiveis de virem a ser tomadas em que caso de malogro desse esforço. As decisões comuns tomadas ontem em Paris e Londres mostram—diz o mesmo jornal—que prevaleceu, afinal, a atitude de paciencia e prudencia, nas duas capitais. Não podemos deixar de felicitarnos por esse facto».

O «Populaire» declara que se a França e a Grã-Bretanha não receberam garantias que permitam manter a não-intervenção, os paises que a assinaram receberão aviso de que essa politica faliu, ficando portanto «os paises contratantes livres das obrigações que assumiram. Para a Grã-Bretanha como para a França—diz ainda—as ameaças que pesam sôbre as suas estradas imperiais necessitam de solução».

Tabouis, na «Oeuvre» informa que de Berlim dizem que «parece que Hitler e Mussolini se deram, mutuamente, a palavra de evitar, a todo o custo, uma guerra geral e reconheceram que a situação interna dos seus respectivos paises a isso não os autorizava. Todavia—declara a «Oeuvre»—o Fuehrer incita o Duce a intensificar a politica decidida entre eles, isto é a politica de chantagem da guerra e a verem até onde pode levar o eixo Roma Berlim sem envolver um verdadeiro conflito».—(Havas).

A demissão de Companys

BARCELONA, 14—Companys recebeu ontem diversas individualidades que com ele conferenciaram no sentido de o demoverem da sua intenção de não voltar a apresentar-se para a presidencia da Generalidade. Por outro lado a Acção Catalã reuniu e aprovou uma moção dizendo-se esperançada em que todos os catalães reajam no sentido do presidente se resolver a ficar. Tambem a União dos Mesterais, que conta mais de 30.000 filiados, publicou um manifesto dizendo que considera Companys presidente indiscutivel da Catalunha e afirmando a necessidade de «continuar o mais alto cargo da magistratura catalã ocupado por um homem que foi sempre um grande «leader» e sempre se mostrou leal para com os sentimentos do povo, mesmo nos momentos de perigo.» Tambem a C. N. T., consta, vai publicar um manifesto no mesmo sentido. «La Vanguardia» declara que, apesar de todo o respeito que tem pelo presidente, lhe parece que este não meditou bem a sua decisão e declara ainda que ele tem o dever de a modificar.—(Havas).

Os indigitados sucessores do presidente da Generalidade

CERBERE, 14. — A noticia da demissão de Companys constituiu uma surpresa para a maior parte dos catalães. Ao que parece, Companys tomou aquela decisão poucos dias antes de a anunciar, e alguns insistem em relacioná-la com o proposito do governo de Valencia se transferir para Barcelona.

A-pesar-de se haver declarado que Companys não desejaria ser reeleito e que não aceitaria o cargo, mesmo que o fôsse, ha quem creia que é ele quem reune mais responsabilidades. Não faltam organismos e personalidades que o querem ver de novo eleito e não é impossivel que se produza, mais ou menos expontaneamente, um movimento de opinião ante o qual Companys terá de ceder.

O actual candidato ao lugar de Companys parece ser Nicolau Dolwer, governador do Banco de Espanha, ex-ministro da Economia e presidente da Acção Catalã Republicana, partido que está estreitamente ligado a Esquerra, sobretudo desde o começo da guerra.

O presidente do Parlamento catalão, Juan Casanovas, anunciou tambem aos seus intimos que apresentará a sua candidatura á presidencia da Catalunha. Conta com as simpatias de parte do seu partido, com a Esquerra Republicana e, especialmente, com as organizações de Gerona e Tarragona. O novo presidente da Generalidade deve ser uma daquelas três personalidades. Não se crê que seja facil convencer Nicolau Dolwer a aceitar a presidencia. Quanto a Casanovas, é quasi certo que contará com a hostilidade de Companys, contra o qual assumiu recentemente uma atitude hostil. Pode assegurar-se que Dolwer seria um presidente gratissimo ao governo de Valencia e que a sua eleição seria saudada com alegria pelo esquerdismo moderado catalão. Casanovas tambem está em boas relações com Valencia. — (Havas).

A decomposição de rectaguarda catalã

CERBERE, 14. — Ha já alguns dias, deu entrada na prisão de Barcelona o ex-chefe da repartição juridica, Eduardo Barriobero, com todos os seus colaboradores. Quando no exercicio daquelas funções e durante varios meses, Barriobero, que foi advogado da F. A. I., exerceu na Catalunha uma especie de ditadura juridica dirigida especialmente contra pessoas acusadas de direitistas, ás quais, duma maneira sumaria, aplicava diversas penas, na maior parte dos casos em dinheiro, cujo destino não é considerado muito claro.

Tambem se encontra naquela prisão, acusado de ter participado em expoliações e de ter incitado á perpetração de varios crimes, o anarquista Aurelio Fernandez, que foi conselheiro da Assistencia Social da Generalidade e, anteriormente, secretario da Junta de Segurança.

Os anarquistas perderam completamente a sua antiga preponderancia. Varias centenas deles encontram-se na prisão e não poucos passaram a fronteira, dirigindo-se principalmente para a Suiça. Outros vivem escondidos com medo da Policia. — (H.).

A grande batalha aerea sobre Saragoça

LONDRES, 14. — O correspondente do «Daily Mail», em Saragoça descreve um combate aereo de que foi testemunha, nos arredores da cidade. Do lado vermelho tomaram parte sessenta aviões de bombardeamento e quarenta aviões de caça. Esta armada vermelha tinha como objectivo o bombardeamento de Saragoça, mas foi forçada á luta pelas esquadrilhas nacionalistas.

O correspondente viu como foram abatidos vinte aviões vermelhos. Depois soube de fonte oficial que dos sessenta aviões de bombardeamento tinham sido abatidos vinte, assim como nove aviões de caça.—(D. N. B.).

O ultimo bombardeamento de Madrid

MADRID, 14. — *(Dum enviado especial da Havas):*

A-pesar-de se ignorar ainda o numero de vitimas do bombardeamento de ontem, é certo que é mais elevado do que a principio se julgava. O bombardeamento deu-se á hora da saida dos teatros e cinemas, quando numerosissimas pessoas se encontravam nas ruas. A rapidez do tiro surpreendeu os transeuntes que foram atingidos sem ter tido tempo de se refugiar nos abrigos. Muitas granadas rebentaram na Gran Via e na praça Callao, no momento em que o publico saia dos grandes cinemas que são numerosos naquela zona da cidade. No solo jaziam muitos mortos e varios corpos horrivelmente mutilados.

A multidão tornou a refugiar-se nos cinemas enquanto as granadas sibilavam por cima das cabeças. Um motorista que corria para o seu carro com o fim de apagar as luzes, ficou sem um braço, arrancado pelos estilhaços duma granada. Outra granada matou dois homens e atingiu uma mulher. Em frente do liceu Francês foi atingida uma caravana de refugiados politicos que ia partir para Valencia. Morreu um homem e ficaram feridos cinco.

Esta manhã percorri varios bairros da cidade. Por toda a parte se viam vestigios do bombardeamento. Dos escombros retiram mortos e feridos. O publico, a-pesar-de tudo, comenta com serenidade o espectaculo que se tornou muito vulgar para poder causar espanto. — (Havas).

Noticias de Valencia

VALENCIA, 14.—Comunicado do Ministerio de Defesa Nacional:

Frente do Centro: Ante-ontem, á tarde, na frente do Jarama e sector de Cuesta de la Reina, as forças republicanas atacaram e ocuparam Casa de Majuelo, grande casa fortificada e a linha de trincheiras paralela á linha de Sesena. As tropas avançaram tambem desde o caminho de Ponton Chico na direcção do cruzamento deste com a estrada da Andaluzia, para cercarem as posições insurrectas de Casa de la Reina. O avanço continuou durante a noite, com ocupação de algumas posições. Na manhã de ontem os nacionalistas contra-atacaram, com muita artelharia, compeliram as tropas republicanas a abandonar algumas das posições ocupadas na vespera. As tropas republicanas continuam todavia, senhoras da estrada da Andaluzia, desde o quilometro 32 até o quilometro 36,200. O inimigo teve pesadas baixas.

Frente norte: sector leste: Fogo de artelharia impedindo que os nacionalistas enviem reforços para Riba de Sella. As tropas inimigas, apoiadas com a aviação, conseguiram ocupar S. Martin de Bada e infiltrar-se na serra proxima.

Frente leste: Actividade das tropas republicanas no sector montanhoso de Fuentes de Ebro. O ataque nacionalista neste sector gorou-se. Em Villa Rodo, depois da luta indecisa, foram ocupadas diversas posições. Nas outras frentes nada a assinalar.

Nos dois combates aereos de anteontem de manhã na frente de Aragão foram abatidos 12, e não 7 aviões, como se disse.—(Havas).

MAXIM'S
A Direcção comunica aos ex.mos Socios que a inauguração da epoca de inverno terá lugar no proximo Sabado, 16.

RETIRO DA SEVERA
HOJE — Noite da Moda, ás 21 horas — 2.ª apresentação da distinta actriz
MARIA ALBERTINA
FADOS CANÇÕES TANGOS
No programa: **Arminda Vidal, Adelina Silva, Alfredo Duarte** (Marceneiro), **Xavier Pinto** (Rouxinol do Minho). Acompanhamentos a piano por **D. Rosa Moura** e pelo **Grupo Tipico de Guitarristas da Severa**. Variações por **Armandinho**.—Primoroso serviço de restaurante — cosinha completamente remodelada. — **Jantares a 12$00. — Rigorosa Selecção**

Café Chave d'Ouro
Salão de Chá
A Direcção tem a honra de comunicar aos seus Ex.mos Clientes que a partir de **amanhã, 15,** e em todas as 3.as, 6.as e Domingos se realizam as "soirées"-Concerto com a *Orquestra Chave d'Ouro,* privativa do nosso Salão.
Selecção rigorosa **Reservam-se mesas**

COMENTARIOS SIMPLES

PAGINA DE QUINTA-FEIRA

por NORBERTO DE ARAUJO

O cidadão ingrato

Uma percentagem minima de familias e pessoas das que foram passar o verão fora—resiste ainda. Em verdade, não contam na fisionomia dos lugares.

Praias ,termas, campos, estancias de cura e de repouso—voltaram á tranquilidade natural. Encerram-se hoteis e estabelecimentos de estação. Palacetes, moradias pequenas, chalets, deixaram correr as gelosias.

Uma pregunta ocorre, nestes assuntos de hoje, tão inocentes como outros de que trato, e os meus fieis leitores não podem ouvir: sair das cidades é uma necessidade ou é um habito?

A resposta estará em que habito e necessidade se conciliam. Simplesmente na grande maioria dos casos, retemperados um pouco os nervos e estabilizada a saude, volta-se a casa com satisfação.

Como depois de uma grande viagem de recreio ou profissional pelo estrangeiro—por mais feliz que ela tivesse sido—a antevisão do lar consola.

Ha certamente aqueles para quem a «cazinha» não tem encantos, e o lar de todos os dias é uma santissima massada.

Estes não contam, andam emigrados todo o ano.

O regresso a casa, por mais dura que seja a vida nas cidades, é sempre igual, é pois, no meu conceito e sem referencia ao nosso caso especial, um motivo de regozijo intimo.

O homem satura-se de descanso, neurasteniza-se de folguedo, aborrece-se á fôrça de todos os dias não ter cousa alguma que o aborreça.

Somos animais de habitos: precisamos voltar ao covil. Deve suceder isto com a maioria das pessoas normalmente formadas: o trabalho e as preocupações vencidas devem tornar mais saboroso o pão de cada dia, mesmo que ele tenha uma boa percentagem de milho.

E para quantos o pão é sempre só de centeio!

* * *

Não é, afinal, a cidade em si, a sua graça, e a sua beleza, a sua extensão e a sua policromia, que atraem o cidadão do burgo. O que prende, o que atrai, o que explica o encanto do regresso—são exactamente os amargos que a cidade, isto é, a vida a que cada um se condenou, fatalmente nos impõe.

Eu não sei—e custa-me a crer—se ha pessoas ás quais a vida diaria não traz preocupações. Se as ha, devem ser muito infelizes aqueles felizardos!

Sei que sem amargo tudo seria detestavelmente melaço, tal um café onde o açucar fôsse sem conta.

E o que compensa é exactamente o tal lar, a tal cazinha, a tal roda de familia, seja a gente chefe de familia seja menino tutelado. E'—o intimismo, por mais cruel que ele seja, desconfortavel e sêco.

Ha sempre uma jarra no mesmo lugar, um retrato, não digo um quadro, porque nem todas as paredes foram feitas para a futilidade de uma obra de pintura. Ha sempre uma voz ás mesmas horas, um sorriso ás mesmas horas, um suspiro ás mesmas horas, uma especie de monotonia que é embalo, como o é dos maritimos, que até no catre, em terra, ouvem cantar o duo das ondas e do vento.

E a verdade é que—os campos não são nossos, as praias não nos pertencem, e a nossa propria casa da serra ou da aldeia não é nossa: é dos caseiros.

Onde está o drama é que nós, actores e autores dele, exactamente estamos.

O drama do homem é a cidade. O resto—é quarta-feira de Cinzas: as hortas de um Carnaval de abençoados nove meses.

E os campos e praias voltaram á sua fisionomia habituais. O natural sente-se outra vez senhor do que é seu. Aquela gente toda que veio, ajudá-lo a viver ou a animar os olhos—era intrusa.

As cousas retornam á sua placidez indiferente e lorpa. O mar espraia-se sem quesilia, e já não se preocupa em fazer mal a ninguem.

As leivas voltam a ser pizadas pelos socos, apenas, de quem a sulca, a sombra das arvores é para os que as cultivam, a passarada canta para quem a atura todo o ano. As vinhas desfolham-se em roxos macerados, enquanto os toneis fervem, mas a mutação, repassada de melancolia, é refrigerio só para aqueles que surribaram e emparam, que vindimaram e expremeram.

Os cães de quinta já não ladram. A ultima rola retardataria—já não lhe apetece emigrar.

Tudo se afaz, nêste mundo em que um é cidadão e outro é aldeão, á vida que lhe coube na distribuição do destino.

O veraneio é uma deslocação, afinal, contra natureza, um artificio dos costumes, que os medicos recomendam, mas que sobretudo o nosso estigma de agitação impõe.

A cidade—afinal as urbes têm reservas de generosidade nunca suficientemente exaltadas—; a cidade recebe todos de braços abertos.

—Tanto tempo fora, filho!

—Que queres, mãi? Os rapazes estavam precisados...

—E tu que tanto precisavas de descanso.

E remata:

—Descansa agora, filho, trabalha!

* * *

Não suponham que, lá porque o outono chegou, e o regresso dos meus amigos e vizinhos me dá azo a discorrer pela criação subita de um estado de alma extranho á nossa indole natural—eu vou negar as vantagens do veraneio.

Todo este fio de agua corrente tende a estabelecer a doutrina de que o homem tem um «habitat» e de que é menos racional do que se supõe a emigração obrigatoria, o chamado exodo veraneigo.

Sujeito-me, evidentemente, a ser acusado oito vezes de incoerente, e eu proprio não me insurjo.

Mas, afinal, além do proposito de conversar sem irritar quem quer que seja que me julgue de má fé quando trato assuntos graves—triste sina a de quem escreve!—eu quero afinal defender a cidade das ingratidões dos que a trocam por um instavel, incomodo, precario, alheio, ainda que delicioso, lugar de emigração.

Se a cidade nos atura nove meses e tal durante o ano, porque a deixamos nós sob um pretexto aparentemente razoavel de que por cá faz um calor de rachar, ou sob a farça terapeutica de que o sol do campo, o ar iodado, nos são precisos e aos nossos?

E, mais do que a cidade—o nosso bairro, a nossa rua, a nossa casa?

Que mal eles nos fizeram durante o ano?

E a gente considera: a cidade deu-nos o verão de S. Martinho, deu-nos o Natal com sol brando, deu-nos um Entrudo toleravel—enfim, como lhe é consentido que a cidade no-lo dê; ofereceu-nos uma primavera deliciosa, umas pascoas felizes, um mês de S. João encantador; proporcionou-nos o espectaculo garrulo e festivo das avenidas cobertas de flor, das ruas cheias de movimento, das solenidades cheias de colorido; desfez-se em acontecimentos dignos de virem nos jornais, abriu teatros onde os actores fizeram o seu melhor, rebuscou programas de cinema, inventou espectaculos, desencantou-se de bizarrias, e se uma vez ou outra se desfez em agua ou se desmesurou de frios—a culpa, verdade verdadinha, não é dela, a amena Lisboa tão sujeita como os campos e os mares ás intemperies fatadicas do Borda de Agua.

A cidade nunca é madrasta. A vida pode sê-lo, para aqueles, sobretudo, que não têm um naco de pão, nem trabalho, nem sorte—nem ninguem senão eles proprios e a sua penuria.

A cidade, calada e sofredora, não se queixa de que a abandonemos. Mas exactamente por isso esta nossa fuga—e ás vezes que sacrificios para fugir!—toma o aspecto de uma injustiça, de um agravo feito ao acolhedor sorriso do burgo maternal. Ela renova os seus cafés e lugares de prazer; renova os pavimentos, e nos ultimos meses é asfalto por todos os lados; renova as flores, enfeita os jardins, faz exposições de rosas, contratando no Porto—vejam o capricho!—os Moreiras da Silva para encher o atrio do teatro Nacional de frutos e de arbustos.

Os mercados—são um explendor; os mercados da cidade (reconheç m-no com franqueza) tem alguns que se lhe compare nessas aldeias, praiazitas, lugares de repouso por onde a gente anda á procura de felicidade?

A cidade desentranha-se em ofertas. Em cada rua há um concerto de fado ou da orquestra de Berlim; em cada esquina um motivo de diversão gratuito.

Os monumentos estão todos escancarados, patentes, generosamente franqueados para cada um tirar deles o gozo ou o ensinamento que quadre bem á nossa indole.

Os estabelecimentos andam á compita a ver qual deles tem a montra melhor enfeitiçada de tentações, e a-pesar do custo da vida ser puxado (e que tem Lisboa com isso?) a verdade é que ainda é nas cidades—que tudo é mais barato.

A alma encantadora das ruas torna-se irmã da nossa, que não tem encanto nenhum; á cidade devemos, na roda do ano, o benefício moral e tonificante de nos atirar para trás das costas, sensaborias e pesares.

Vai-se para o trabalho, vai-se para a escola, vai-se para a oficina vai-se para o inferno por uma estrada sempre tapete de luz, seja ela a avenida da Liberdade, o Arco Marquês de Alegrete, a rua da Saudade, a travessa do Fala Só.

E como se tudo isto não bastasse, Lisboa tem ainda a seus pés uma faixa de beleza liquida, uma passadeira de verde e de azul, que só por si é uma permanente vilegiatura para merencorios pensamentos. O Tejo, não fica a dever nada ao Oceano.

E depois de tudo isto nós, em chegando o fim de julho, tomamos uma carroça baixa—e ala que vai sendo tempo.

E há até quem tome o «Sud» e se raspe para as cidades de onde os outros fogem...

* * *

As banalidades, quando envergam o albornoz do paradoxo, tornam-se menos irritantes.

Tão certo isto ser assim como as grandes maximas da humanidade terem tanto mais voga quanto mais paradoxais se apresentam.

O que não é paradoxo—fica em lugar comum.

Bem sabemos que o lugar comum é a sabedoria. Mas trocar-lhe as voltas, como aliás fazem os autenticos sabios, não é crime contra a ciencia.

Chama-se a isto especulação, que é um vicio da inteligencia. E há quem lhe chame tambem filosofia.

Filosofar é dizer tolices em cima de um estrado, e depois interrogar:

—Perceberam-me? Atingiram?

—Não. Mas falaste muito bem.

Concordemos, amigos, que eu hoje subi acima do estrado.

Entretanto—tomemos o nosso café que deve estar frio. E vejam como Lisboa se inundou de sol! Pois lá fora, juro, vai agua que Deus a dá.

NORBERTO DE ARAUJO

Embarcação portuguesa aprisionada

por um barco governamental espanhol

OLHÃO, 13—Em meados do mês passado, ao largo de Tanger, um barco governamental espanhol aprisionou uma pequena embarcação de pesca denominada «Deus me guie», com a matricula deste porto e 12 homens de tripulação os quais foram conduzidos sobre prisão para territorio vermelho. Este é o terceiro barco português aprisionado pelos marxistas. Ao que parece os outros dois primeiros barcos, tambem deste porto, conduziam para Marrocos emigrantes clandestinos, na sua maioria rapazes com pouco mais duma vintena de anos e que se encontravam sem trabalho, pelo que não mediram convenientemente o risco da sua louca aventura.

As familias dos infelizes rapazes choram a sua sorte por até hoje não terem conseguido noticias além das que os davam como prisioneiros dos governamentais.

Principio de incendio

FARO, 13.—Pelas 22 horas de ontem manifestou-se incendio na Central Electrica da firma J. Valverde & C.ª, pelo que a cidade esteve ás escuras cêrca de 20 minutos. No local compareceram os bombeiros, que não chegaram a prestar serviço, não se tendo dado o sinal de alarme.

Feira no Fundão

A C. P. estabelecau um serviço especial de comboios para a feira anual no Fundão, com bilhetes a preços reduzidos e validos de 19 a 21 do corrente.

NOTICIAS DE SANTAREM

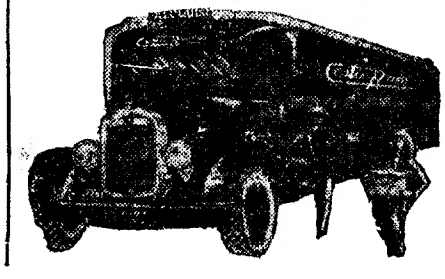
SANTAREM, 13—Pedem-nos alguns moradores da Praça Sá da Bandeira, para que,, por intermedio do «Diario de Lisboa», seja sugerida á Camara Municipal a conveniencia de calcetar a parte que encosta ao Liceu daquele mesmo nome, aproveitando-se para isso o inicio da nova pavimenação da referida Praça cujo projecto já foi aprovado. E' justa a reclamação apresentada, porque, de facto, o canto ali existente, em nada condiz com o resto.

E' além disso, um sitio onde se acumulam lixo servindo ainda de estacionamento de automoveis de praça, que muito prejudicam a beleza e o acesso áquele estabelecimento de ensino.

Estamos certos que a nova vereação, por via do respectivo pelouro, atenderá o apelo, do qual fazemos éco.

E' hoje pelas 21 horas, que na séde do Sindicato Nacional dos Motoristas, desta cidade, se realiza a conferencia do sr. Francisco Pereira de Oliveira, que versará sobre o «Corporativismo». Assistem a esta sessão, além do Delegado do Instituto Nacional do Trabalho e Previdencia, sr. dr. Carlos Fagulha, outras entidades oficiais e particulares.

Quer a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115



TRANSPORTES COSTA RAMOS

Domicilio a Domicilio

Unico concessionario da carreira entre Lisboa e Porto. Transportes para todo o país Carros especiais para mobilias.

Porto — *R. Guerra Junqueiro, 7* — **Telef. 1854**

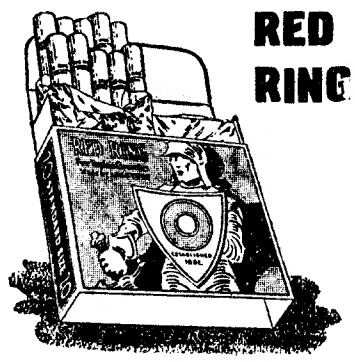
Lisboa — *R. S. Julião, 34, 36* — **Telef. 2 7200**

"Amigos de Lisboa"

Visita ao Paço Velho, ao Palacio e á Biblioteca da Ajuda

Conforme já foi noticiado, é no proximo domingo que o Grupo «Amigos de Lisboa» promove a visita ao Palacio da Ajuda, ao antigo Paço e á Biblioteca, que, como é do conhecimento geral, possui especies e encadernações de valor incalculavel e que nessa ocasião estarão expostas.

Esta visita que, como era de esperar, despertou grande interesse, é, como todas as outras, destinada exclusivamente aos socios e pessoas de suas familias. Será dirigida pelo director da Biblioteca da Ajuda, socio fundador do Grupo, sr. dr. Frederico Gavazzo Perry Vidal, e começará ás 2 e 30 horas em ponto, a-fim-de poderem ser visitadas todas as dependencias do Palacio. A concentração far-se-á ás 2 e 15 horas na calçada da Ajuda, junto aos arcos.



RED RING

O mais suave e aromático tabaco Virginia

A' venda em todas as tabacarias

ANUNCIO

Faz-se saber que pela 3.ª secção do Juizo de Direito da 3.ª Vara Judicial de Lisboa, correm éditos de 30 dias, a contar da 2.ª e ultima publicação do respectivo anuncio, citando Leopoldina de Almeida Saraiva, ausente em parte incerta e cujo ultimo domicilio conhecido foi na Estrada das Laranjeiras n.º 70, 3.º, Direito, freguesia de S. Sebastião da Pedreira, para, no prazo de 20 dias, findo o dos éditos, contestar, querendo, os autos de divorcio litigioso, com assistencia judiciaria, que com fundamento nos n.ºs 5.º, 6.º e 8.º do art.º 4.º do Decreto de 3 de Novembro de 1910, lhe move João Constancio. — O Chefe da Secção, *João Artur Lopes Ferreira.* — Verifiquei. O Juiz de Direito, *Azevedo e Castro.*

Alberto de Sá Correia

Engenheiro Auxiliar da Camara Municipal de Lisboa, aposentado

FALECEU

Maria Joaquina Moreira Correia, Rosa da Costa Correia, Verissimo de Sá Correia esposa e filhos, Braz de Sá Correia, Francisco de Sá Correia, Maria Amalia da Costa Correia Lobo Garcez Palha de Almeida e filhos, José Maria da Costa Correia esposa e filhos (ausentes), Manuel da Costa Correia e esposa, E. Henrique da Costa Correia esposa e filhos, André da Costa Correia esposa e filho, Laura Maria da Piedade Costa e mais familia cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas da sua amizade e relações o falecimento do seu muito querido marido, enteado, irmão, cunhado, tio e primo e que o seu funeral se realiza amanhã, 15, pelas 16 horas, saindo o prestito funebre da sua residencia na Praça da Ilha do Fayal, n.º 13, 1.º, para o seu jazigo no Cemiterio do Alto de S. João.

A cargo da Agencia Ferreira dos Santos. Rua de Arroios, 211. Telef. 4 1987.

NOTICIAS DE ANGOLA

O milho colonial

Nunca julgamos que com relação ao milho de Angola houvesse tanta legislação, que se resume a decretar cotações minimas ao agricultor, em proveito do Gremio do Milho Colonial que, ficando com uma boa maquia para fundo de reserva, quere que o comercio fique ao abrigo de futuros e pretensos prejuizos. Do agricultor negro, não sabemos se as cotações dão para ele pagar o imposto de cubata e comprar algodão ou riscado para se cobrir.

Todos os calculos sobre a actual colheita sairam errados. Com um ano pluvioso como ha muito não havia, quando todos julgavam uma produção, se não superior, igual á do ano transacto, verifica-se a redução de um terço e em algumas regiões de metade. A densidade das chuvas só produziu caniço.

Estamos a três meses da colheita e já se faz sentir escassez. Acresce que este ano ha transportes em demasia e que, apenas é comprado aos indigenas, é logo drenado para as estações da linha ferrea, o que aparentemente faz prevêr uma produção normal. E' uma previsão erronea. Temos que contar com muitos milhares de toneladas de milho a menos, comparativamente a 1936. Não tenha pressa, pois, o Gremio de o vender adiantadamente.

Sobre o milho colonial pesa um sem numero de alcavalas. O seu valor fica em fundos de reserva, fretes, direitos, despesas de porte, sacaria, percentagem para o organismo de auxilio do comercio e produção etc. A 500 quilometros do litoral, junto á linha ferrea, compra-se ao negro a vinte e cinco centavos o quilo, para na Metropole se vender ao consumidor a cem!

Bem sabemos que ao certo é impossivel prever o montante da produção; mas, tanto quanto possivel, uma aproximação. Na provincia do Bié, a produção não é 50 por cento da do ano passado.

A sacaria pesa demasiado, em virtude da baixa cotação sobre o milho. Um escudo em arroba.

Varias vezes temos escrito nos jornais de Angola contra a isenção temporaria de direitos. Ha interesses, embora ilegitimos, feridos, que se sabem defender. E o certo é que continuam a gozar um privilegio iniquo e injusto sim, mas rendoso, que é o que lhes importa.

E' raro o Boletim Oficial de Angola que não traga autorização para esta ou aquela firma comercial despachar sacos com isenção temporaria de direitos.

Os sacos são vendidos como se os direitos fossem pagos; compram o milho ensacado e, dão baixa aos que importaram, ficando a firma comercial, a quem é concedida essa regalia, com uma importancia a que não tem direito algum.

E' moral tal determinação? Querenos parecer que não.

A lei, de principo, era justa. Estavamos crentes que essa faculdade só seria concedida ao agricultor europeu de cereais, de café e oleaginosas. Mas tornando-se extensiva ao comercio, que é um intermediario, tornou-se iniqua.

O grande agricultor de milho é o negro e este vende-o desensacado. Não é beneficiado com o tal regime de isenção de direitos temporaria.

Porque razão não é o Gremio do Milho a importar a sacaria nessas condições? Vendia-a pelo custo aos intermediarios e já assim eram beneficados os agricultores.

Fala-se, tambem, muito em milho seleccionado. O negro a tudo se adapta. Vai tudo da propaganda, em lho lembrar, não só pelo elemento oficial como pelo particular. Mas destas ninharias ninguem faz caso.

Temos assistido á venda do milho pelo gentio no chamado planalto de Benguela. Trazem-no em sacos pequenos e em «quindas» (cestos), e temos reparado que muito milho é seleccionado. Que faz o intermediario ou permutador? Despeja-o a esmo, em sacos, se os tem, e na falta destes para um monte no armazem onde se junta o branco, amarelo e mistura! Ora quem tem mentalidade tão inconsciente, é incapaz de dar conselhos aos indigenas para o trazerem seleccionado. O negro talvez veja melhor o problema.

ANTONIO AUGUSTO DIAS

Um escandalo financeiro

em Bruxelas

BRUXELAS, 14—Começa hoje um julgamento que virá, possivelmente, a provocar debates agitadissimos e a pôr em foco importantes individualidades. Trata-se do caso «Goldziere & Penso» em que se encontra envolvido o financeiro Julius Barmat.

A firma é acusada de falencia fraudulenta por ter posto em circulação letras de favor no valor de perto de 100 milhões, o que lhe permitiu descontar no Banco Nacional mais de 35 milhões. Quando da assembléa do Banco Nacional o governador Frank foi muito atacado por ter aberto creditos tão importantes e reconheceu que fizera um mau negocio, o unico mau negocio da sua vida. A assembléa, a-pesar da intervenção das rexistas, decidiu passar á ordem do dia. Ontem houve nova assembléa e os rexistas Degrelle e Van Dieren provocaram violentissimos incidentes. Tratava-se, nesta assembléa, de eleger um director.

Levantada a sessão Van Dieren precipitou-se para uma das janelas e tentou dali falar á multidão. Chamou-se a Policia e foi expulso.—(Havas)

O «Diario de Lisboa» vende-se no Estoril—Caminho de ferro.

Visita do governador civil de Santarem

CORUCHE, 12.—Esteve nesta vila o sr. governador civil de Santarem, a quem foi feita uma afectuosa recepção por parte da população do concelho, em que colaboraram a «Legião Portuguesa», a Associação dos Bombeiros Voluntarios, a mocidade das escolas, etc.

Recebido nos Paços do Concelho, foram-lhe dadas as boas vindas pelo sr. presidente da Camara, tendo tambem discursado os srs. major Luiz Alberto de Oliveira e dr. Alberto Henriques da Silva, e terminando a sessão com entusiasticos vivas a Portugal, aos srs. Chefe do Estado e presidente do Conselho, ao Exercito e á Marinha.

Ao almoço, que em seguida se realizou, falaram com grande elevação, enaltecendo a obra do Estado Novo, os srs. presidente da Camara, João Lopes, dr. Luiz Vaz de Sousa, dr. Alberto Barreiros, conego Pita, e major Luiz Alberto de Oliveira, agradecendo por fim o sr. governador civil, mostrando-se muito sensibilizado pela homenagem que lhe foi prestada.

Procurando um gatuno

OLHÃO, 13 — Estiveram nesta localidade dois agentes da P. I. C. de Lisboa, que procuram activamente o conhecido gatuno Manuel Dias, membro perigoso duma quadrilha de vigaristas a contas com a Policia, que ha tempos, conforme noticiamos, extorquiram, por meio do conto do vigario, trinta contos, ao comerciante Pedro da Silva, do concelho de Lagos.

Possivelmente, Dias, a esta hora anda por Marrocos...

Empreza de Transportes BRAGA

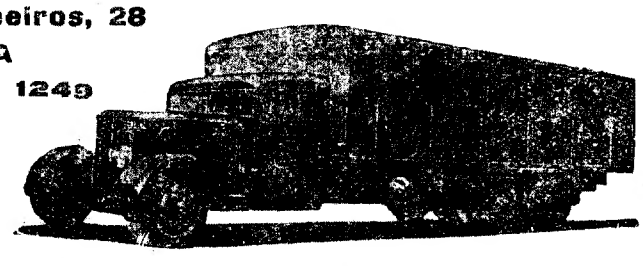
Rua dos Correeiros, 28

LISBOA

Telefone 2 1249

Camions, Camionetes e Carroças

Para todos os generos de transporte em Lisboa e em todo o pais



Servico especial de Mudanças

Imprevidencia de crianças

OLHÃO, 13. — Na residencia do vendedor de frutas Pedro Miguel, travessa do Carnedo, 9, desta vila, manifestou-se incendio no mobiliario, devido a uma imprevidencia de crianças. Compareceram os bombeiros municipais que extinguiram rapidamente o fogo. No local compareceu tambem a P. S. P. e a G. N. R. Os prejuizos são calculados nalgumas centenas de escudos.

Bilhar Moderno

«NEGUS», Sistema russo

Funcionamento electro-magnetico. Os mais modernos, bonitos e sólidos. Facilidades de pagamento. Pedidos a Ribeiro Ferreira & Alves, L.da, ou M. Silva Barroso.

Rua dos Fanqueiros, 81, 1.º Dt.º. Lisboa.

Francisco Mateus Muralha

FALECEU

Confortado com todos os Sacramentos da Igreja

Emilia Mendes Barata, José Luis Simões, João Luis Simões, António Luis Simões, esposas e filhos, e mais familia, participam aos seus parentes e pessoas de suas relações que foi Deus servido chamar à Sua Divina presença seu sobrinho Francisco Mateus Muralha e que o seu funeral se realiza no dia 15 do corrente, pelas 9 horas, para o Cemitério de Oleiros, Beira Baixa, saindo o préstito fúnebre da Capela do Hospital do Rêgo.

D. ELVIRA MARTINS

Confortada com os sacramentos da Santa Madre Egreja

FALECEU

Elvira Lambertini Pereira Rodrigues, Maria Victoria Lambertini Rodrigues, Julieta Lambertini e mais familia cumprem o doloroso dever de participar ás pessoas de suas relações e amizade o falecimento da sua extremosa filha, tia e cunhada e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 12 horas, em auto funebre, da Avenida João Crisostomo, 84, 4.º, dt.º, para o cemiterio do Prado Repouso, na cidade do Porto.

AGENCIA SALGADO

JOHN W. NOLTE

Missa do 1.º aniversario

PILAR ALVAREZ DIAS, manda rezar amanhã, dia 15, uma missa sufragando a sua alma, que se celebrará na egreja de S. Domingos, pelas 10 horas, agradecendo a todas as pessoas que se dignarem assistir ao piedoso acto.

TEMAS MILITARES

A aviação na guerra

Dos principios preconizados pelo general Douhet na sua já celebre e tão discutida doutrina de guerra, tirou o general Allehaut o seguinte silogismo: «Só a ofensiva é capaz de produzir resultados positivos ou seja procurar os fins da guerra; ora as forças do ar são as forças da ofensiva por excelencia, senão exclusivas; logo é preciso um exercito do ar e este exercito deverá absorver logicamente a mais forte proporção do esforço financeiro e industrial da Nação».

O facto assim apresentado tem já uma tão segura realidade que poucos são os que se atrevem, claramente, a admitir duvidas sobre o emprego da Aviação. Ela deve aparecer nas futuras guerras como força de primeiro plano em missões diversas, missões que marcarão o inicio das hostilidades —mesmo antes dos ultimatuns—desempenhadas por esquadras aereas que devem sobrevoar o territorio inimigo, a-fim-de destruir as vias de comunicação, os centros mais importantes de reabastecimento e demograficos, as gares de caminhos de ferro, as regiões fabris e tudo o mais que possa interessar o entrave da mobilização do inimigo e a sua marcha para a luta.

O marechal Robertson profetizou que a guerra moderna invadirá cada vez mais o dominio da economia nacional. Cada vez mais ela surgirá contra o interior do inimigo. O antigo ponto de vista segundo o qual, fazem a guerra unicamente as forças terrestres e maritimas, está abolido. Os ataques dirigidos sobre os pontos não militarizados e sobre as populações terão um papel muito mais importante e serão utilizados numa escala muito maior que na guerra passada. Os aviões sairão para o ataque alguns minutos depois da declaração de guerra, se o não fizeram antes.

O coronel Fuller disse: «As forças aereas são as mais potentes; são as que podem saltar por cima do Exercito e da Armada e podem atacar no interior todos os efectivos importantes».

Como emissaria vigilante e informadora dos comandos é a Aviação que fará os grandes reconhecimentos, desnudando os segredos das disposições militares do inimigo, reconhecimentos estrategicos e tacticos levados a efeito por visão directa e por fotografia, numa colheita de elementos sempre preciosos para acertada conduta das tropas, o que traduz uma imediata superioridade de acção.

A destruição do moral das populações por ataque intenso e rapido de fogos e agentes quimicos, provocando muitas vezes o terror, abala de tal maneira a vontade do povo, vergando a sua resistencia, que bem podemos palpitar como certas as incursões aereas em profundidade sobre o territorio adverso.

E' esta uma das missões marcantes da Aviação logo no começo das operações e mesmo durante todo o tempo que elas durem.

Para tudo isto impõem-se sempre, entre os grandes bombardeamentos, aqueles que têm de ser feitos contra as bases aereas para melhor se poder firmar o dominio do ar que dará facilidades de cometimentos aos vencedores.

Estas primeiras intervenções aereas podem ser de molde a enfraquecer fortemente as possibilidades guerreiras, o que é muito de atender logo no principio duma conflagração. Esta noção, facil de materializar quando exista uma bem organizada e forte Aviação, tem levado alguns tratadistas militares a julgarem as futuras guerras duma louca violencia e curta duração. No entanto é talvez mais de aceitar um equilibrio—relativo é claro—que limite o poder aereo, já em razão da defesa que deverá ser conseguida, já por temor ás represalias. A experiencia feita nos campos de luta da guerra italo-abexim, onde a Aviação italiana, senhora do Ar desde o primeiro dia, por falta de forças aereas inimigas, facilitou o avanço das tropas de terra, por regiões inhospitas e invulgarmente dificeis para uma invasão, muito nos pode mostrar do valor dum exercito do Ar.

Do seu emprego na preparação dos combates e da colaboração por ela prestada para que os fins duma tão grande empresa se conseguissem com a desejada rapidez, pôde tirar-se uma convincente conclusão: «A Aviação manda no terreno, a Infantaria ocupa-o. O dominio do Ar permite o dominio do solo. A continuidade da acção aerea paga sempre; acaba por derrubar todas as resistencias terrestres».

Por todas as Nações vão sendo reconhecidos os meritos da acção aerea havendo uma ansia crescente de desenvolvimento dos exercitos do Ar. Digo «Exercitos do Ar» porque desde o principio das guerras ha intervenções militares, como as que citei já, que só se admitem com autonomia completa para que possam ser abatidos fortemente os centros vitais do inimigo, apetecendo resultantes reflexas que se façam sentir nas frentes de batalha.

E' claro que esta autonomia, necessaria para bom desempenho de missões de tão elevado interesse, não dispensa a existencia da Aviação de cooperação.

Ha quem confunda a cooperação propriamente dita com a colaboração que tem de existir sempre entre os três exercitos—do mar, de terra e do ar—pelo que podem parecer que se deva negar a formação do exercito do Ar.

Messimy diz-nos: «E' inadmissivel que os exercitos de terra do ar e do mar co-existam justa-postos sem que seja previsto o organismo que os faça palpitar no mesmo ritmo e que lhes imprima a mesma impulsão directriz».

O comando unico das forças armadas, sempre indispensavel, não destroi a exigencia da constituição das forças aereas em exercito autonomo. A coodernação das diferentes forças facilita o conseguimento do objectivo final—a vitoria.

A Aviação pode trabalhar em proveito dos exercitos de terra e do mar—cooperação—ou em colaboração com eles—autonomia—conforme as necessidades do esforço a despender desta ou daquela forma, sempre com o fim de garantir a integridade nacional. Julgo interessante citar a opinião do general Alléhaut: «A combinação da actividade da Aviação com as forças terrestres toma duas formas distintas segundo se trata de Aviação de cooperação ou auxiliar—Aviação de observação e regulação, de reconhecimento, de ligação—ou de Exercito do Ar autonomo—formações de linha e formações de caça».

Parece-me que a destrinça é bem clara. Estas formações de linha a que Alléhaut se refere na composição dos Exercitos do Ar, segundo a opinião de Armengaud, são compostas pelas esquadrilhas da moderna Aviação a que ainda alguns militares chamam de bombardeamento, classificação já não aceitavel na verdade, porquanto os aviões desse tipo levam além das bombas, outros engenhos de guerra como metralhadoras e canhões.

No decorrer da luta estabelecida em terra para a conquista e ocupação de territorios é sempre necessario o emprego da Aviação para aumento de eficiencia de todas as armas, já prestando informações á infantaria ou abrindo-lhe caminho, já regulando o tiro da artelharia colaborando em fogo com ela e com as metralhadoras quando em tiro indirecto, já reabastecendo em tudo estas armas quando as suas posições tornem dificeis ou impossiveis as relações materiais por terra.

E' a Aviação que facilita aos comandos superiores a sua presença nos campos de batalha, como outrora faziam todos os chefes de Cesar a Napoleão, para melhor conhecimento da marcha das operações. Enquanto os chefes de passadas épocas se instalavam nas alturas de terra mais convenientes para montarem os seus postos de observação, os de hoje servem-se dos aviões.

No avanço sobre Dessié, nas ultimas fases, o marechal Badoglio comandante em chefe do exercito italiano, pilotando o seu avião, efectuou numerosos vôos sobre o campo de batalha para observar directamente a situação das forças.

E' já indiscutivel que os aperfeiçoamentos do material de guerra moderno acentuadamente os engenhos de fogo, provocam um equilibrio nas linhas de combate, uma estabilização entre as duas forças adversas, em consequencia do aumento do poder defensivo bem acentuado em prejuizo das acções defensivas.

O caso foi já observado na Grande Guerra em que houve periodos notaveis de estabilização de frentes que pareciam ter marcado o fim da guerra de movimento. Só a Aviação pode destruir esse equilibrio, abreviando a decisão que se pretende. E' a sua esmagadora acção, nos bombardeamentos das linhas de resistencia e centros vitais da retaguarda, que muda a feição da luta dando-lhe as possibilidades de lances ofensivos, por vulnerabilidade da defesa.

As surpresas estrategicas têm na Aviação a melhor colaboradora. Clausewitz disse que a surpresa é a combinação de dois elementos: segredo e velocidade.

Certamente é a Aviação que melhores condições apresenta para que se possa actuar com esses dois elementos tirando o mais eficaz rendimento da sua segura aplicação.

No transporte de tropas é ela de grada utilidade pela rapidez com que pode fazer aparecer um reforço militar em longinquas terras ou regiões de dificil e moroso acesso.

Presentemente, uma nova modalidade de emprego da Aviação nos aparece em campo experimental, já de prometedores resultados.

Para ataques de retaguarda, por surpresa, preconiza-se o transporte em aviões—grandes transportadores—de soldados equipados de metralhadoras e que serão lançados no espaço, com seus para-quedas, nas regiões escolhidas para a acção: Na Russia existem já regimentos dessa especialidade e em França vão tambem entrar em organização. A Italia tem feito algumas experiencias nesse sentido e, até já, demonstrações de surpreendentes resultados.

No transporte de feridos tem marcado a Aviação o seu lugar, salvando muitas vidas tanto pelo aumento do numero de possibilidades de intervenções rapidas como pelo conforto dado ao ferido livrando-o da gama de ruidos e variedade de solavancos que caracterizam os transportes terrestres, em tempo de guerra.

Conscienciosamente, sem tolos retraimentos, devemos considerar a Aviação força de primeira grandesa no conjunto da Nação Armada.

HUMBERTO DA CRUZ

Piano

Vertical, montado em ferro. Optimo estado. Vende-se muito barato. Telefonar 62917.

HISTORIA TRAGICO-MARITIMA

ESTÁ Á VENDA NAS LIVRARIAS O

5.º E ULTIMO VOLUME

Cada um dos cinco volumes que compõem esta obra custa apenas 8$00. Não é uma adaptação ou resumo; é uma publicação integral, mas em ortografia moderna. Depositarios gereis: Fernando Machado & C.ª R. dos Carmelitas, 15 — Porto.

A' margem da semana

Visita ao Moinho

Em 1916 publiquei um livro de sonetos. Entre esses sonetos havia um entitulado «O Moinho». Não era fantasiado, era verdadeiro: o moinho existia. Não tratava do classico moinho de vento, mas duma casita branca, edificada sobre uma ribeira, cujo açude movia a grande roda desse engenho primitivo. Arrulhavam pombos no beiral vermelho do seu telhado, um velho cão ladrava á porta, e o moinho branco, enfarinhado, elevava-se no sopé da colina baixa, sobranceiro á verdura fresca da varzea e cheio de rustica poesia.

Tudo isso eu dizia em verso, concluindo com esta ingenua e impossivel aspiração:

«Quem me dera que tu... fosses moleiro!...
E eu te pudesse ter por companheiro
Na doce e branca paz desse moinho!»

Foram passando os anos, no seu incessante caminhar. Nunca me informei se o moinho teria desaparecido, se fôra abandonado, se caira em ruinas. Não tinha esquecido aquela doce tarde de primavera em que, num passeio a pé, se me havia deparado aquele pitoresco moinho no carreiro que liga o campo de Vale de Cavalos á charneca, mas essa recordação parecia que se afastára das realidades habituais, como se, de facto, se tratasse de simples fantasia.

O Destino quiz, porém, que eu tornasse a ver de perto esse moinho branco que pertence, actualmente, aos viscondes de Santa Margarida. Ali me levaram, gentilmente, num passeio de automovel, para eu reconhecer se era aquele *o moinho do soneto. Era, efectivamente. Está igual: caiado, enfarinhado, com um velho cão, que, se fôsse possivel, julgaria ser o mesmo, ladrando á porta. O beiral está menos vermelho, e faltam os pombos — «porque as ratazanas os comiam» — disse-me a feliz moleira, que realisou facilmente* «na doce e branca paz desse moinho» *a aspiração para mim desmedida*

A casa está um brinquinho, *tudo muito limpo, muito caiado; cobertas de chita nas camas e nas arcas; jarras com flores sobre a comoda. Ouve-se a bulha do açude e o mover continuo da roda. Duas pequenas hortas, viçosas, aproveitam a agua que promove aquela actividade. Galinhas, parús, patos, partilham a abundancia bemdita que ali se espalha e completam a graça bucolica da paisagem.*

Ha tantos anos! Raras vezes assim se conservam as coisas que encantaram os nossos olhos!

Quando regressamos á charneca, por uma bela estrada aberta num casal charnequenho, o visconde de Santa Margarida comunicou-me a intenção de fixar na parede do moinho um azulejo com o soneto, que ali cantará, á luz do sol, as graças do moinho, ele que nem sonhava, quando foi escrito, a luz da publicidade

MARIA DE CARVALHO

Sessão de propaganda corporativa

Promovida pela Direcção da Associação de Classe dos Vendedores nos Mercados de Lisboa, realiza-se hoje, pelas 21 horas, na séde desta colectividade, Rua de S. Paulo, n.º 104, 2.º, uma sessão de propaganda corporativa do Estado Novo, em que farão uso da palavra os srs. drs. Selénio Calheiros e José Barreto de Atalaião, que dissertarão, sobre as vantagens dos Gremios facultativos e obrigatorios na Ordem Corporativa que os rege. Para esta sessão estão convidadas as entidades oficiais e a entrada é publica.

"Revista de Marinha"

Passando hoje mais um aniversario do combate entre o caça-minas «Augusto de Castilho» e um submarino alemão, no mar dos Açores, foi posto á venda, para comemorar o facto, um numero especial da «Revista de Marinha», profusamente ilustrado e no qual colaboram os srs. ministro da Marinha, major general da Armada, chefe do Estado Maior Naval, os antigos ministros almirante Pereira da Silva e brigadeiro Freitas Soares, o capitão de fragata Monteiro de Barros, etc.

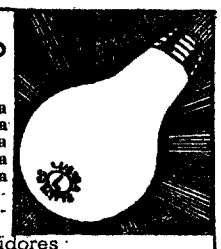
Atum em Azeite?!

Só TENÓRIO...

Recomendavel tambem aos debilitados

DO PRINCÍPIO AO FIM

Uma lâmpada é boa quando durante tôda a sua duração conserva uma potência luminosa uniforme. A Lâmpada LUSTRA satisfaz plenamente a esta condição. Prefira-a.



Distribuidores
António José Fernandes, L.da
44, Rua dos Remolares, 48 — LISBOA

SEMPRE QUE tenha de fazer algum seguro contra fogo, quebra de vidros ou acidentes no trabalho, deve, no seu interesse, consultar a

Companhia de Seguros **«O TRABALHO»**

Segura bem porque está bem segura

Rua José Falcão, 211 — PORTO
Delegação em Lisboa:
J. T. Pinto Vasconcellos, Ld.a
Praça Duque da Terceira, 24

TEM TOSSE?

Tome chá
SEIVA PINHEIRO MANSO
Vende
Perola S. Domingos
Rua Correeiros, 331

PASTAS

para estudantes
A 12$00

Só **«A Nacional»** as vende por preços quasi do custo. Encomendas para a provincia contra-reembolso. **«A Nacional»**. Entrada pela ourivesaria. A mais antiga fabrica do País. **R. da Palma, 34, 1.º — Lisboa.** — Telef. 27928.

PARTEIRA

ESPECIALIZADA
R. Augusta, 275, 4.º **Telef. 2 9607**
Partos, tratamentos. Consultas gratis
BASILISA PEDROSA

Atenção

Se o seu terraço mete água torne-o impermiavel com o **Asfalto-Rocknitz** preparado por Virgilio Alves e aplicado sob a sua direcção desde 1930.

Asfaltos Breus e Betumes
VIRGILIO ALVES
— Rua Carlos da Maia, 26 —
Telef. 6 2917

Aos barbeiros

Aconselhamos uma visita á bem conhecida casa, drogaria e perfumaria Viuva Dias, onde se encontra um colossal sortido de todos os artigos proprios para barbearias, aos melhores preços e qualidades.

Rua dos Fanqueiros, 342-344
(Em frente ao Mercado)

Não é apenas com uma bonita toilette, com uma linda atitude ou a graça de um gesto, que uma mulher resolve o problema da sua formosura.

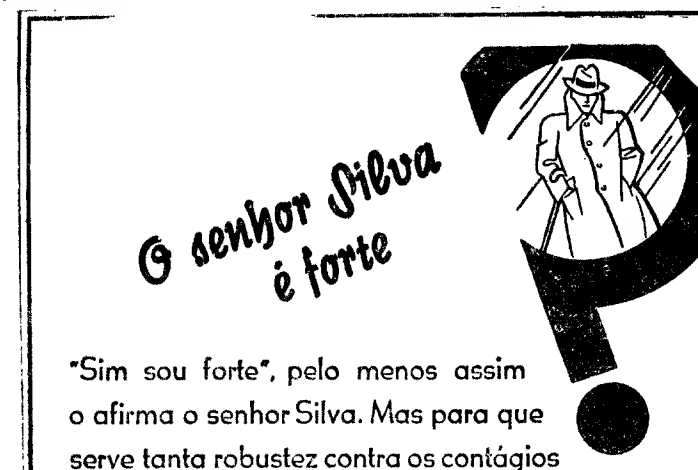
Na escolha de um bom produto de beleza ou de um tratamento eficaz, reside muitas vezes o encanto que torna a mulher atraente e lhe empresta um aroma de juventude tão pouco para dispresar....

Para qualquer especie de maçagens, aplicações ou outros tratamentos do rejuvenescimento e aformoseamento de rosto e da epiderme, tem a ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA produtos e aparelhagens modernas especiais que a colocam a par das melhores casas estrangeiras do genero.

Academia Scientifica de Belleza
Lisboa — Av. da Liberdade, 35
Telef. 2 1866

A sua unica propaganda são os seus efeitos
A' venda em toda a parte.

PELVE
REGISTADO
LOÇÃO
PARA EVITAR A QUÉDA DO CABÊLO
CARLOS MARTINS
LISBOA



"Sim sou forte", pelo menos assim o afirma o senhor Silva. Mas para que serve tanta robustez contra os contágios que espreitam em toda a parte, no escritório, no electrico, no cinema, sei lá onde

Então o senhor Silva se é rasoavel, precisa de tomar pastilhas de Panflavina como tu ou eu.

As pastilhas de
Panflavina
BAYER

evitam os contagios, as inflamações de garganta e as constipações.

A caixa de 30 pastilhas vende-se em qualquer farmacia por Esc. 13$00

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada
SEDE — Calçada do Duque, 20 — LISBOA

14.º SOTEIO DE OBRIGAÇÕES DE 7 ¾ %
(Minho e Douro e Sul e Sueste)

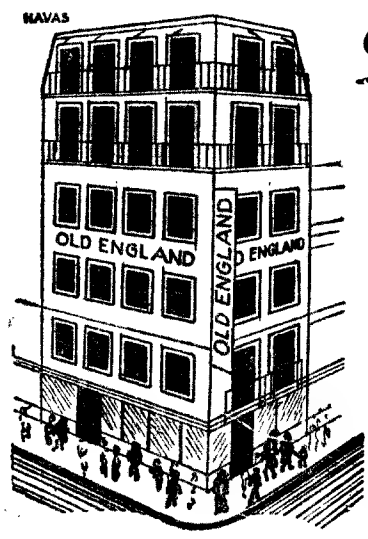
Lista numérica de **757** obrigações que sairam sorteadas em sessão publica do Conselho de Administração, realizada em 4 de Outubro de 1937 para a amortização do 2.º semestre de 1937

459	8.915	16.180	24.006	31.962	39.012	44.480	52.534	60.213	67.651
460	8.916	16.865	24.109	32.045	39.047	45.003	52.615	60.235	67.666
825	8.925	16.866	24.110	32.046	39.048	45.004	52.616.	60.326	67.687
826	8.926	16.875	24.133	32.177	39.147	45.269	52.725	60.466	67.693
1.079	9.063	16.876	24.134	32.178	39.148	45.270	52.726	60.524	67.748
1.080	9.064	16.935	24.303	32.231	39.379	45.581	53.295	60.858	67.833
1.251	9.217	16.936	24.303	32.231	39.380	45.582	53.296	60.918	67.932
1.252	9.218	17.249	24.973	32.345	39.615	45.633	53.339	60.928	69.343
1.281	9.477	17.250	24.974	32.346	39.616	45.634	53.340	60.937	68.382
1.282	9.577	17.469	25.597	32.723	39.667	45.665	53.977	60.997	63.388
1.287	9.624	17.470	25.598	32.724	39.668	45.666	53.978	61 002	68.396
1.288	9.724	17.591	25.605	33.113	39.787	45.705	54.021	61.015	68.527
1.677	9.831	17.592	25.606	33.114	39.788	45.706	54.022	61.181	68.644
1.678	10.147	18.417	25.675	33.195	40.019	45.847	54.279	61.199	68 788
1.723	10.118	18.418	25.676	33.196	40.020	45.848	54.280	61.452	68.892
1.724	10.451	18.835	25.937	33.353	40.021	45.911	54.287	61.455	69.033
2.721	10.452	18.836	25.938	33.354	40.022	45.912	54.288	61.466	69.069
2.722	10.655	19.271	26.149	33.521	40.049	46.067	54.483	61.504	69.152
3.499	10.656	19.272	26.150	33.522	40.050	46.068	54.484	61.609	69.266
3.500	10.807	19.411	26.433	33.845	40.205	46.641	54.521	61.692	69.338
3.579	10.808	19.412	26.434	33.846	40.206	46.642	54.522	61.906	69.410
3.580	11.405	19.595	26.509	33.895	40.345	46.971	54.641	62.540	69 460
3.715	11.406	19.496	26.510	33.896	40.346	46.972	54.642	62.580	69 503
3.716	11.595	19.643	26.721	33.973	40.359	47.197	54.919	62.658	69 510
3 831	11.596	19.644	26.722	33.974	40.360	47.198	54.920	62.728	69.671
3.832	11.745	20.345	26.771	34.273	40.407	47.271	55.003	62.740	69 905
3.939	11.746	20.346	26.772	34.274	40.408	47.272	55.004	62.829	69.948
3.940	11.907	20.369	27.155	34.293	40.847	47.679	55.137	62.851	69 958
4.073	11.908	20.370	27.156	34.294	40.648	47.680	55.138	63.057	69.998
4.074	12.075	20.829	27.379	34.395	41.245	48.041	55.265	63.408	70 063
4.293	12.076	20.830	27.380	34.396	41.246	48.042	55.266	63.499	70.244
4.294	12.153	20.827	27.557	34.401	41.507	48.167	55.359	64.011	70 343
4.635	12.154	20.928	27.558	34.402	41.508	48.168	55.360	64 086	70.400
4.636	12.283	21.435	27.601	35.083	41.707	48.591	55.425	64.185	70 439
4.689	12.284	11.436	27.602	35.084	41.708	48.592	55.426	64.364	70 504
4.690	12.315	21.513	27.611	35.309	41.843	48.875	55.757	64.379	70 942
4.823	12.316	21.514	27.612	35.310	41.844	48 876	55.758	64.391	71 208
4.824	12.339	21.757	27.647	35.651	41.849	48.965	56 001	64 428	71 277
5.069	12.340	21.758	27.648	35 652	41.850	48.966	56.002	64.610	71 521
5.070	12.513	21.811	27.651	35.867	41.949	49.051	56.469	64.793	71 597
5.113	12.514	21.812	27.652	35.868	41.950	49.052	56.470	64.898	71 608
5.114	12.725	21.897	27.973	36.035	42.261	49.089	57.235	64.921	71 628
5.371	12.726	21.898	27.974	36.036	42.262	49.090	57.236	65.040	71 754
5.372	12.121	21.909	28.001	36.495	42.263	49.443	57.243	65.056	71.770
5.401	13.122	21.910	28.002	36.496	42.264	49.444	57.244	65.116	71 775
5.402	13.313	22.061	28.481	36.627	42.267	49.497	57.479	65.145	71.873
5.557	13.314	22.062	28.482	36.628	42.268	49.498	57.480	65.170	71 891
5.558	13.539	22.163	28.539	36.659	42.365	49.657	57.751	65.354	72.389
6.115	13.540	22.164	28.540	36.660	42.366	49.658	57.752	65.404	72 476
6.116	13.821	22.171	29.083	36.809	42.397	49.977	57.809	65.468	72.485
7.041	13.822	22.172	29.084	36.810	42.398	49.978	57.810	65.491	72 534
7.042	14.103	22.319	29.137	37.237	42.681	50.319	58.019	65.553	72 537
7.257	14.104	22.320	29.138	37.238	42.682	50.540	58.276	65.821	72.804
7.258	14.303	22.879	29.163	37.253	42.757	50.559	58.275	65.666	72 682
7.483	14.304	22.880	29.164	37.254	42.758	50.540	58.276	65.821	72 804
7.484	14.653	22.893	29.843	37.451	42.825	50.589	58.455	66.000	73.096
7.501	14.654	22.894	29.844	37.452	42.826	50.590	58.456	66.118	73.206
7.502	14.655	23.035	30.017	37.493	42.879	51.007	58.477	66.391	73.373
7.569	14.656	23.036	30.018	37.494	42.880	51.008	58.478	66.457	73.402
7.570	14.667	23.103	30.247	37.695	42.981	51.141	58.535	66.551	73 561
7.625	14.668	23.104	30.248	37.696	42.982	51.142	58.536	66.605	73.670
7.626	14.887	23.177	30.357	38.093	43.211	51.279	58.723	66.610	73.705
7.785	14.888	23.178	30.358	38.094	43.212	51.280	58.724	66.658	73 768
7.786	15.041	23.211	30.913	38.137	43.371	51.333	58.995	66.683	73 805
7.871	15.042	23.212	30.914	38.138	43.372	51.334	58.996	66.773	74.047
7.872	15.081	23.279	30.923	38.181	43.373	51.789	59.047	66.787	74 119
8.013	15.082	23.280	30.924	38.182	43.374	51.790	59.048	66.788	74 283
8.014	15.099	23.423	31.023	38.565	43.435	51.839	59.205	66.819	74 356
8.077	15.100	23.424	31.024	38.566	43.436	51.840	59.206	66.864	74 359
8.078	15.477	23.471	31.441	38.595	43.497	51.881	59.531	66.895	74 531
8.457	15.478	23.472	31.442	38.596	43.498	51.882	59.532	67.024	74 635
8.458	15.963	23.773	31.549	38.733	43.751	52.009	59.653	67.048	74 667
8.703	15.964	23.774	31.550	38.734	43.752	51.010	59.654	67.094	74.705
8.704	16.133	23.947	31.919	38.977	43.827	52.271	59.881	67.284	
8.739	16.134	23.948	31.920	38.978	43.828	52.272	59.882	67.308	
8.740	16.179	24.005	31.961	39.011	44.479	52.533	60.175	67.327	

Estas obrigações deixam de vencer juro, desde o «coupon» n.º 18.

Lisboa, Sala das sessões do Conselho de Administração, em 4 de Outubro de 1937.

O Presidente do Conselho de Administração
António A. Vasconcellos Correia



Para pintar exteriores

Deixe-se de experiências com quaisquer tintas porque é perder tempo e dinheiro. Aplique «Sylure», o esmalte ideal que resiste, como nenhum outro, a tôda a acção do tempo — sol, chuva, etc.

Não sai caro porque tem maior duração e poder de cobertura do que as outras tintas. Valoriza a propriedade e dá-lhe um magnífico aspecto. Siga o exemplo da Casa OLD ENGLAND, de Lisboa. Para pintar todos os exteriores — não hesite! — use a tinta inigualável e de confiança:

«SYLURE»
É UM PRODUTO ROBBIALAC
SOC. ROBBIALAC, LDA.
R. Nova do Carvalho, 15, 1.º — Lisboa

Diario de Lisbôa
Suplemento literario

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA — Telefone 20271

"DE TUDO UM POUCO"

UMA CARTA DE TEIXEIRA GOMES

A FIALHO DE ALMEIDA

Foi um acaso rarissimo que me trouxe ás mãos a carta ao Bruno, transcrita no capitulo anterior, mas o modo como rehavi a carta ao Fialho, de 1892, que reproduzo agora, (igualmente, sem a minima alteração), orça pelo milagroso, e valeria a pena contá-lo se me não desviasse do meu principal — exclusivo— intuito, que é mostrar que se em meio seculo «eu» pouco ou nada mudei, os «outros» permaneceram tambem imutaveis, e as suas lamentações parecem de hoje...

O leitor que me perdõe se isto o não interessa e tome estas linhas preliminares como advertencia a que não siga na leitura.

Portimão, 27 de junho de 1892

Meu caro: Encontrei aqui muitas cartas que dizem todas o mesmo. De Paris, o pintor: sinto-me triste; é talvez a reacção dos divertimentos deste inverno que findou; mas não é só isso, é sobretudo a ideia de que apenas me restam alguns anos de mocidade: desejaria ser eternamente novo. A velhice horrorisa-me; as rugas que descubro na face de um amigo repassam-me de melancolia.

— O sportman de Bruxelas: a vida pesa-me; não sei já a que me pegue na escuridão de todo este vacuo insipido, onde se apagam as ultimas phosphorescencias; pesa-me a vida que me apparece agora fallida e inutil; já me não posso supportar a mim mesmo; n'este desdobramento, a que perpetuamente me obrigam os irremediaveis habitos de igoismo em que outrora me deliciava, e em que procurava no recolhimento da minha alma levantar cada vez mais alto o idolo em que eu proprio me adorava, só encontro aborrecimento e cansaço. Levo a vida do forçado a quem deram por companheiro de grilheta o mais odiado dos seus cumplices. Tu lembras-te do tenente Marschal? foi um d'estes dias a Paris dar um tiro nos miolos. Tentador exemplo!

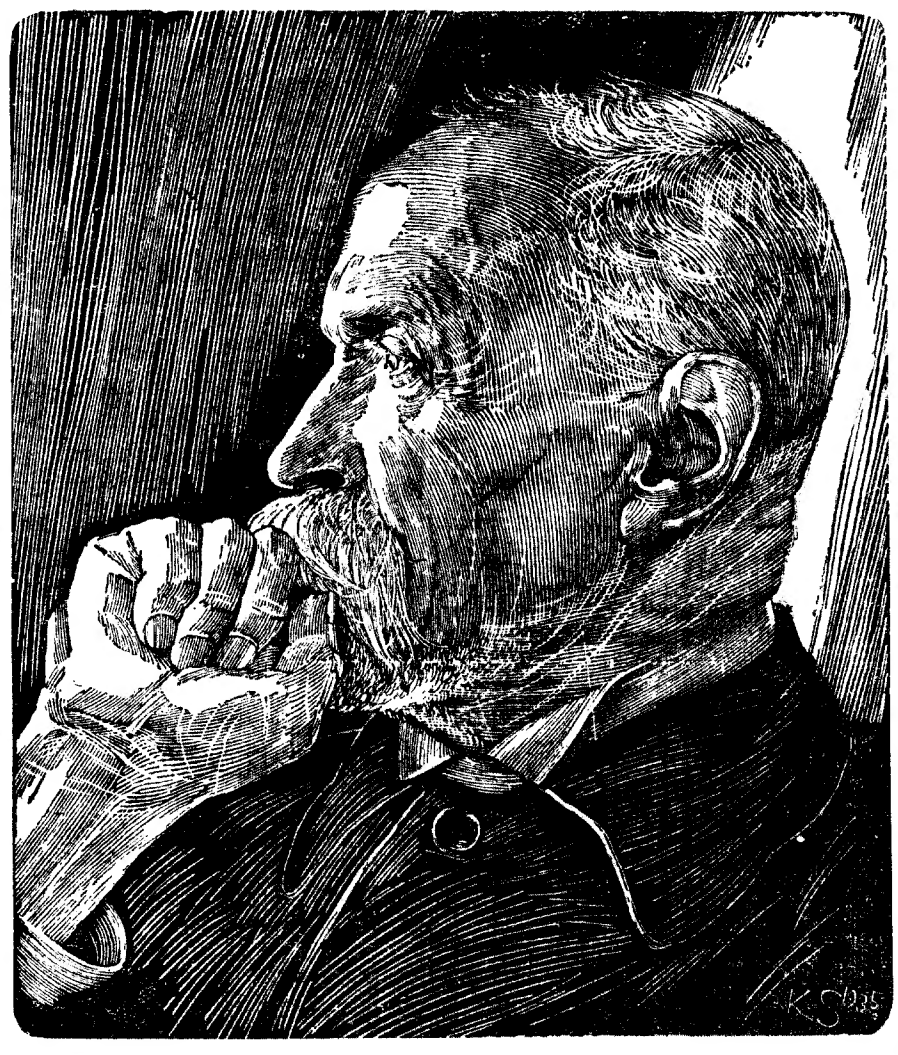
—De Londres, o barytono: vou-me convencendo de que a vida é sem esperança. Procurei sempre, como se tentasse realisar um sonho azul, conhecer a verdadeira amisade. Vêjo-me envelhecer e descubro que corria atraz de um mytho. A miseria n'esta cidade immensa pesa-me como um remorso. Vêjo a existencia frustrada nas minhas mais bellas aspirações.—Etc.—Mais triste, porém, do que todas as outras, a tua carta não detalha lamentações, mas vem como que lavada em amarguras ainda mais intimas e pungentes

—Tudo para povoar de novo, e ferozmente, o sombrio valle da minha alma, donde a magnificencia das recentes impressões varrera todo o germen de melancolia. Tu não podes imaginar a profundidade dolorosa das reflexões que semelhante côro de victimas me suggeriu. Foi debalde que pela primeira vez na minha vida recorri ás citações fortificantes. Ainda suspenso na apotheose do mundo grego pelas inenarraveis recordações de Pompeia, pensei que Homero dizia: «feliz o homem que colhe todos os fructos da sua mocidade e chega á velhice tranquilla». Mal de nós se não temos mocidade! que é peca e sem fructos e não floresce. E mais peca e inutil do que todas, aquela onde rabiou a preoccupação litteraria, a peçonha a que nós chamamos arte. Todo este mundo moderno me appareceu então, mais claramente do que nunca, tal um grande espaço vasio, onde se repercutiam confusamente todos os clamores antigos, que nós escutamos e repetimos sem perceber, e vi-me só e ridiculo no meu roçagante de artificial alegria. E o peor é que vocês todos tem talvez razão, porque o vosso pensamento, a summula da vossa experiencia, ensina-lhes que não vale a pena tentar coisa alguma, no incuravel aborrecimento d'esta vida sem norte. Mas parece-me que podiam ter escolhido melhor ensejo para m'o repetir. Tu, sobretudo, encontraste a mais singular maneira de me levar ao desespero, no teu convite — talvez inconsciente — a que me tome definitivamente o pulso e tente um livro original. Era preferivel que me tivesses mortificado com ironias e facécias!—Desculpa este rosario de recriminações, quando a minha obrigação devia cingir-me aos agradecimentos que a tua carta afinal merece. Nós temos um do outro impressões d'alvorada; houve um instante em que enlaçamos as nossas almas n'um commum sorriso, onde tudo era alegria, infantilidade, e desprendimento. Nunca mais nos vimos, nem nos estudamos nunca, por isso o meu sonho era que entre nós se perpetuasse o reflexo d'essa alvorada, e fosse como que a unca illusão respeitada, o que se conseguiria talvez, se nas poucas vezes em que nos falamos, reciprocassemos as magnificas mentiras d'outro tempo.

Do c.

M. Teixeira Gomes.

UM NOME GLORIOSO



T. G. Masaryk

Figura ilustre de politico e de intelectual, a quem a Tchecoeslovaquia deve a sua ressurreição como Estado, na geografia da moderna Europa. Durante largos anos presidiu aos destinos desse pais, demonstrando as suas extraordinarias qualidades de estadista.

ESTE SUPLEMENTO NAO PODE SER VENDIDO EM SEPARADO

Ecos

O velho «Morning Port», o mais antigo e um dos mais conceituados orgãos da Imprensa inglesa, suspendeu a sua publicação, após cento e sessenta e cinco anos de ininterrupto labor. Estava velho, outros jornais tinham a preferencia do publico e dera no ultimo ano um prejuizo de quatro mil e quatrocentos contos da nosso moeda.

proprietario, Lord Camrose, fica posAbsorveu-o o «Daily Telegraph», cujo suidor, após esta fusão, do mais poderoso orgão da Imprensa londrina. O «Morning Post» noticiou nas suas colunas as varias fases da guerra da independencia dos Estados Unidos, publicou a reportagem da subida ao cadafalso de Luiz XI e Maria Antonieta, informou o publico londrino da vitoria de Trafalgar e inseriu severos editoriais criticando a politica de Napoleão. Tudo isto ha mais de cem anos. Em nossos dias, tinha, a nossos olhos, uma faceta simpatica: Era sempre agradavel para Portugal. Assim o seu sucessor continui sendo

A maior parte dos imoveis que, em Viena, era conhecida pelo «Freihaus», foi ha cêrca dum ano demolida. Hoje já ali se elevam predios de risco moderno, concepções audaciosas de arquitectos ousados das grandes escaladas do espaço. Nos fins do seculo XVIII vivia no «Freihaus» esse menino prodigio da musica, que foi Mozart. Foi ali que ele compôs uma das suas obras mais celebres: «A Flauta encantada». A sua pequena casa foi salva por um grupo entusiasta de admiradores. Pedra por pedra, transladaram-na para Moensehberg, em Salzbourg. O mais curioso é que no sitio onde agora se eleva, havia dantes um teatro, onde «A Flauta encantada», foi representada pela primeira vez e, perto, noutro edificio, vêem-se dois «panneaux», um com a figura de Mozart, e outro, com cenas da celebre composição.

E' nesta primeira quinzena de outubro que a Academia Goncourt se deve reunir para escolher o sucessor de Gaston Cherau.

Ao que parece o favorito é Francis Carco, o escritor de Montmartre, cuja obra está nas tradições literarias dos dez. Diz um jornal francês que esta tradição não é, apenas, literaria, mas gastronomica. Carco é tão entendido em vinhos e comidas como Gaston Cherau, a quem a academia dava plenos poderes para seleccionar a ementa do celebre almoço que todos os anos se realiza, para a escolha do premio Goncourt.

Perto de Bagdad encontrou-se o fragmento dum baixo relêvo, no qual se vêem dois pugilistas na atitude classica dos campeões de box, e uma pequena estatua em bronze, que representa dois homens fazendo luta greco-romana, tendo por cima uma taça, que devia ser o trofeu atribuido ao vencedor. Os arqueologos mostram-se perplexos ante estes vestigios, que parecem velhos de quatro mil anos.

Rolão Preto
ou o drama espanhol

Sempre que se fala de qualquer homem muito discutido—fala-se apaixonadamente, violentamente, tomando partido, com entusiasmo, com calor, por ele ou contra ele. Ora Rolão Preto é um homem discutidissimo. Ao mesmo tempo jornalista, escritor, tribuno e politico do extremismo, tribuno, escritor e jornalista ao serviço da sua politica—Rolão Preto, alma inquieta e sedenta de altura e labareda, desencadeou em torno de si, por seu bem ou por seu mal, um forte, bravo e confuso alarido, onde igualmente se perdem, perdendo relevo e perdendo significado, os gritos de reprovação e os gritos de aplauso: os gritos de reprovação—pois que Rolão Preto tem, como todos os homens discutiveis, os seus adversarios; os gritos de aplauso—pois que Rolão Preto tambem tem, como todos os homens discutiveis, os seus amigos. Há quem o deteste—e quem o admire; há quem o combata—e quem o oiça como se ouve um mestre querido. Uns sómente vêem nele «um prince des nuées»—pairando acima das realidades do mundo, entre os sonhos e as utopias; outros, em compensação, vêem nele um pensador, um filósofo da acção—empunhando e brandindo um facho revolucionario.

Será, portanto, coisa possivel que se fale de Rolão Preto sem paixão, sem violencia, sem entusiasmo, sem calor, serenamente, friamente, com verdade e com justiça?

Creio convictamente que é coisa possivel—desde que se veja nele, não «um principe das nuvens», não um filósofo da acção, mas apenas um homem: um homem transbordante de humanidade.

Foi esse homem humanissimo quem escreveu esse humanissimo livro—palpitante de dôr e de tragedia: «Revolução Espanhola».

Até agora foram jornalistas que falaram da revolução e da guerra de Espanha; jornalistas — como, por exemplo, Artur Portela e José Augusto

Rolão Preto, agora, no seu livro, não descura, evidentemente, o interesse jornalistico dos acontecimentos que fizeram da risonha Espanha um triste campo de batalha; procura, contudo, ultrapassar a reportagem—e do fenómeno espanhol extrair uma lição, arrancar uma doutrina.

Consegue-o?
Sim—dirão uns.
Não—dirão outros.
Sim e não—direi eu.

Consegue-o—quando nos aponta a mistica como a unica explicação do incomparável fenomeno; a mistica—«esse profundo movimento arrebatador da sensibilidade e do espirito», que rompe com impeto brutal os diques do raciocinio e se espraia assoladoramente...

Aqui Rolão Preto vai mais além do que os outros—mais além do que todos aqueles que descortinaram na revolução e na guerra de Espanha um choque de ideologias, quando, afinal, havia unicamente um choque de misticas: a mistica tradicional e a mistica social; a mistica do «hidalgo» e a mistica do «lazarillo»—uma e outra vibrantes e ardentes condenações da sociedade burguesa, utilitarista e pacifista.

Idéas?

Menos do que idéas; sombras de idéas; fantasmas de idéas.

Nunca se morre, de resto, por uma idéa—uma idéa que já tenha sido definida com rigor e com lógica. Morre-se por uma palavra ou por uma frase—quantas vezes ôcas e quantas vezes mentirosas!

As idéas, tais como idéas, nuas, despidas de demagogia, não dinamisam, nem incendeiam.

Unamuno não percebeu isto e daí, nos seus ultimos dias, aquela indignação, aquela revolta, aquele indignado e revoltado protesto de intelectual fiel á inteligencia e ás idéas—ante o intenso e confessado desprezo da mocidade espanhola pela cultura.

Que importava a cultura áqueles que seguiam para a frente, para a seara da morte, a cantar e a rir?

A revolução e a guerra de Espanha reduziram-se, na verdade, a um choque de misticas. Mas Rolão Preto não explica se désse choque resultou uma fusão: a fusão da mistica tradicional e da mistica social na mistica do risco e do exaspero, na mistica do heroismo e da morte.

Se resultou—não terá por acaso essa nova mistica os terriveis sintomas duma delirante e convulsa loucura colectiva?

Aqui seria a altura para Rolão Preto nos expor, inflamadamente, a lição, a doutrina do fenómeno espanhol: uma lição de inexorabilidade perante a vida e de indiferença perante a morte; uma doutrina de exaltação e de sacrificio em que a pessoa humana se apaga e a mistica tudo determina, tudo domina.

Aqui, porém, é que um homem chamado Rolão Preto se mostra e nos abre, talvez imprudentemente, o seu generoso coração de romantico... Rolão Preto leu George Sorel? Para quê—se um homem com o seu rosto e o seu nome leu Jean-Jacques Rousseau? Rolão Preto elogia a estrada romana—rompendo a direito, por vales e montanhas, muito larga e muito branca? Para quê—se o tal homem com o seu nome e o seu rosto ama enternecidamente os rudes caminhos de certa aldeia da Beira? Rolão Preto louva o poder transfigurador do sangue? Para quê—se o tal humanissimo homem lamenta os mortos?

Eis porque eu disse:

—Sim e não.

Rolão Preto esforça-se por compreender e por interpretar os sinais dos tempos novos; os seus olhos, todavia, voltam-se com frequencia, humidos de comoção, para a grande paz e a grande doçura dos tempos passados. No coração deste revolucionario há, paradoxalmente, a saudade dum conservador; no coração deste fascista há, desconcertantemente, a nostalgia dum democrata sincero. E quer discuta com um «rojo», quer discuta com «centurião de Roma, ao serviço de Mussolini, Consul»—Rolão Preto, no fundo, discute simplesmente consigo próprio.

E' Rolão Preto quem pregunta—com infinita amargura:

—«De quantos milhões de mortos será o preço da vitoria?».

E é tambem Rolão Preto quem responde—com imensa dureza:

—«Nós elegemos, para regra de vida, a áspera senda do sacrificio».

E' Rolão Preto quem hamléticamente murmura—estremecendo de horror:

—«Sempre sangue e mais sangue...».

E é tambem ele quem proclama—com o poético e obscuro fanatismo do sacerdote dum deus inimigo do genero humano:

—«O sangue... O sangue é a semente que melhor purifica».

Impressionante diálogo—este; doloroso diálogo que não se trava apenas dentro de Rolão Preto; lancinante diálogo que se trava dentro de todos ou quasi todos nós.

De todos ou quasi todos nós—que vivemos com um pé ainda assente sobre os doces tempos que passaram e o outro já assente sobre os duros tempos que chegam.

DUTRA FARIA

Do livro "Malicia sem Maldade"

A ventura encontrou uma vez no seu caminho a pobreza e convidou-a a acompanhá-la.

— Para onde me levas tu?

— Quero dar-te quanto te falta — a riqueza, a fôrça, a alegria...

— Não digas mais: tudo isso está acima do que busco. Dá-me a justiça e serei rica.

— «A's armas, cidadãos!...» — brada o francês, a caminho da fronteira, convencido de que esta será a sua ultima jornada heroica. Engana-se, porque o caminho do Rheno, como o caminho da morte, por mais vitimas que o trilhem, a cantar ou a chorar, é de transito obrigatorio — para avós, filhos e netos.

JOAQUIM MANSO

Ecos

O grande sabio francês George Claude, a quem se devem, entre outras admiraveis descobertas, a do ar liquido, realizou ha dias, em Paris, uma palestra sobre o papel da ciencia, no qual fez interessantes afirmações. Pertence a Claude a frase celebre:

—O futuro que a ciencia nos reserva, horroriza-me!

Para Georges Claude a ciencia não tem moral, nem a pode ter.

Faz, indiferentemente, o bem e o mal. Dela o homem não pode esperar a solução do problema, que mais o interessa: a procura, a descoberta, a invenção dos verdadeiros elementos de felicidade. Esses elementos nenhuma maquina ou fabrica, nem se podem encontrar no fundo duma retorta.

A doutrina é velha, mas nunca foi tão claramente expressa, embora Brunetiere tivesse proclamado já a falencia da ciencia.

■

Mario Saa, o autor de «Erridanea», que ainda ha pouco colaborou no «Suplemento Literario», com um brilhantissimo estudo sobre as origens e amores de Camões—é um espirito fantastico, duma grande curiosidade intelectual, que gosta, por vezes, de fazer a sua «blague».

Ha tempo, o distinto artista Eduardo Malta fez-lhe um retrato, que é, pode dizer-se, um assombro de representação fisica, e até de interpretação psicologica. Escusado será dizer que o artista pintou o seu modelo, como o «viu», e não como ele queria ser «visto». Mario Saa fez, então, esta curiosa quintilha, improvizada de momento:

Quem faz aqui mais falta
Sou eu proprio, Mario Saa;
Mas sendo a obra tão alta
E assinando-a Eduarda Malta
Não falta nada, estou cá.

■

Vão agora reunir-se em Paris doze premios Nobel de ciencias quimicas, fisicas e biologicas. São eles Jean Perrin, madame S. Joliot-Curie, F. Joliot-Curie, P. Debye, M. Bohr, J. H. Northrop, O. Warborg, sir V. Roman, W. L. Bragg, S. Langmvir e Siegbahn.

Trata-se dum congresso que será inaugurado pelo presidente Lebrun e que tem por objectivo estudar e confrontar as teorias e os problemas mais palpitantes com que a grande ciencia actualmente se preocupa: transmutação dos atomos, raios cosmicos, hormonas, vitaminas, suspenção da vida em materia vivida solidificada, baixas temperaturas, etc.

■

Em El Goléa, a mil quilometros ao sul de Alger, foi agora construida a primeira igreja catolica do Sahará. Eleva-se numa vila de indigenas cristãos, junto do tumulo do padre Fouquet, grande missionario que foi ao mesmo tempo um apostolo e um heroi. Desceu a colina das sombras eternas, aureolado com o nome do «cavaleiro das areias». Vendem-se em França imagens do padre Fouquet, cujo produto é destinado ao acabamento do edificio. A primeira igreja do Sahará será consagrada, no proximo ano, por monsenhor Noute, prefeito apostolico.

A "Festa dos Vinhedos"

GUEDES DE AMORIM

Guedes de Amorim, que é um escritor vigoroso, de timbres fortes, sabendo á maravilha focar e vibrar um assunto, deu-nos agora, numa elegante «plaquette», um documentario das vindimas, que ele intitulou «A Festa dos Vinhedos». Esse tema eterno parece rejuvenescido pela sua pena. Nas suas paginas, faulhantes de sol, e manchadas do rubro pagão dos cachos, Guedes de Amorim descreve a sáfara maravilhosa como um pintor de tons vibrantes, e um artista, que sabe arrancar á natureza o seu misterioso conteudo de poesia. Eis um trecho, recortado ao acaso, que nos dá bem o valor da obra.

Vai acabar num adeus rubro, para além do mar, o sol do estio, e, do norte ao sul, já tudo se alerta para dar começo ás vindimas, que são as romarias mais romarias de todas quantas se realizam em terras portuguesas.

.....

Avançam os vindimadores, deixando á retaguarda um chão de festa recente. Tapetes caprichosos de folhas doiradas cobrem a terra. As cachopas, vestidas de riscado garrido, lenços berrantes a protegê-las do sol, depenam sem cessar as videiras. Já veio a hora da janta, mas a maior parte nem sequer tocou na tijela que lhe puseram na frente. Vindima é dia de festa, vindima é fartura, vindima é abundante generosidade. O maltrapilho e o esfaimado, que passam na estrada, se pedem uma mancheia de cachos, não se vão a roer as unhas. Fazem-se presentes, com a melhor malvazia, o mais loiro moscatel, o mais negro mourisco e o mais melado bastardinho. Trabalhar, assim, não é castigo, mas ventura divina, numa sagrada compensação da batalha dos braços.

Batidas as Trindades, tal como se chegou, é tambem a cantar que se abandona o vinhal. Na soleira dos casebres, as mulheres, com os filhos no colo, semicerram os olhos e visionam dias futuros de abastança; a rapaziada, na sala larga do terreiro, festeja o dia que acabou com dansas e descantes; e, das janelas do solar, o lavrador, entre a familia e os curiosos que chegaram da vila, traduz a folgança dos trabalhadores pela extensão da novidade.

Mas, já no grande armazem, começou a lagarada. Homens robustos, ceroulas bem arregaçadas para cima da rotula, vão dar inicio á primeira metamorfose da uva em vinho. Nos cantos das paredes, poucos lampeões derramam uma luz mortiça, mantendo o cenario da quadra numa penumbra á Rembrandt. Uma duzia, duas duzias de homens entraram no lagar, esmagando os cachos. Unidos, em fila, braço a braço, as pernas vão, lentamente, triturando a montanha de bagos. Entrou-se a chalacear, mas logo que se dobra a jornada, a alegria toma rumos alacres, num desafio de cantigas, acompanhado a harmónium e a ferrinhos. Trabalho, aquilo? Mais parece arraial em noite mal estrelada. Contudo, as pernas, sangrentas do vinho, não estacam, para a direita e para a esquerda, torturando a polpa dos saborosos bagos. O mosto, na sua abundancia de fermentos, espalha um cheiro forte, que embriaga. E os homens musculosos, que não cessam de cantar, pedem aguardente para aquecer o peito. A lagarada vai até á meia-noite, a cantata tem o mesmo comprimento. No dia seguinte, vai-se á vinha e volta-se ao lagar. A festa da vindima dura recreativas semanas. Abre por um cheiro a mosto e termina por um aroma a vinho novo. Começa por uma cantiga e acaba numa oração, consagrando as vinhas portuguesas.

Um livro postumo de Paulo Setubal

«Confiteor»

A influencia de Junqueiro e de Antero

NO BRASIL DE 1900

Paulo Setubal, o grande e malogrado escritor brasileiro, autor de numerosos romances e narrativas historicas do mais intenso poder evocativo, e de outros livros notaveis, que uma doença mortal prostrou, na primavera de 1937, aos 42 anos de idade, mas cujo nome não morrerá na literatura da lingua portuguesa, deixou um livro postumo *Confiteor*, do qual extraimos o trecho seguinte. *Confiteor*, é, de envolta com paginas de memorias da infancia e da juventude de Paulo Setubal, um puro poema de ascensão por Deus. Prosa de lirico e de mistica, que arrebata e comove pela sua impressionante sinceridade, e pela perfeição musical do seu estilo.

Naquele momento os poetas é que me seduziam. Esses eu amava de coração. Seria enfadonho o enumerar nestas paginas os muitissimos poetas que li. Poetas de varias linguas. Uns liricos, outros parnasianos, outros impressionistas; outros não sei quê. Deixemos, porém, os Hugos, os Byrons, os Leconte, os Heredia, os Baudelaires, os Antonio Nobre, os Garretts, os Stecchetti, os Bilac, os Vicente de Carvalho, outros e outros, todo um mesclado ról de grandes e pequenos poetas, e falemos tão sómente daqueles que exerceram influencia real, incontrastavel, sôbre todos os adolescentes do meu tempo. Dois dentre os poetas portugueses, e um terceiro, francês, dentre os franceses, tiveram essa influencia. Falemos portanto deles. Comecemos pelos portugueses. Um foi o poeta da grande voga. Queridissimo. Não sei de nenhum outro que, no Brasil, se lhe tivesse avantajado em popularidade. Toda a gente o leu, toda a gente o declamou com ardor. O outro, porém, já não era assim. Contrastava fundamente com este. Não andou jamais na berra. Poucos o conheciam. Era tido como o poeta das elites. Poeta alto e nobre, poeta dos espiritos que amavam as coisas profundas, e, por isso mesmo, no meu tempo de ginasial, tornou-se marca de bom gosto, sinal de superioridade, admirá-lo. Um foi o Guerra Junqueiro; o outro, Antero de Quental.

Guerra Junqueiro foi, realmente, o poeta adorado desses velhos tempos. As suas obras penetraram triunfalmente em todas as bibliotecas, todas, desde a biblioteca, solene e vistosa, do desembargador letrado, até a estante humilde, com três brochuras amarelas, da costureirinha de bairro, «A Morte de D. João», «A Velhice do Padre Eterno»... Estes livros fizeram o encantamento do cenaculo do meu quarto e, o que é o mais, o meu exaltado encantamento. Liamos aquelas paginas por entre risadas homericas. Os sarcasmos demolidores, verdadeiramente tremendos, que o poeta arremessava candentemente contra a Igreja, aguilhoavam como acicates de fogo a irreverencia e a impiedade que já lavravam desenfreadas em nossas almas. Estes livros—o que é o mau gosto duma epoca!—eram, para nós, os mais belos do poeta. Muito mais belos do que o «Os Simples». O «Os Simples», não obstante, é a poesia pura, poesia sem mescla, fresca e borbolhante, fundamente emocional, que decerto ficará imorredoira na lingua portuguesa. Quem, acaso, leu a boeirinha, aquela

donairosa, linda boeirinha,
Grandes olhos garços, sorrisinho arisco,

e se esqueceu jamais da finura e da lindeza deste lirismo:

Loira, mas do loiro fulvo das abelhas:
Fresca como os cravos pelo amanhecer;
Brincos de cerejas presos nas orelhas,
Na boquita rosea três canções vermelhas,
Na aguilhada, ao alto, uma estrelinha a arder!
Descalcinha e pobre, mas sem ar mendigo,
Nada mais esbelto, mais encantador!
Veste-a d'oiro a gloria do bom sol amigo,
O chapeu é palha que inda há um mês deu trigo,
A saita é linho inda há bem pouco em flôr...

No entanto, Deus meu, eu tenho até vergonha em confessá-lo aqui, o «Os Simples» não atiçava em nós aquela admiração e aquele entusiasmo que atiçava a poesia escachoante, bombastica, e, sobretudo, blasfema do poeta carbonario. Não havia para nós coisa mais deliciosa do que (como diziamos) «As piadas do Junqueiro». *Piadas Ah, o mal que essas piadas fizeram a mim e aos da minha idade. Basta dizer aqui que, como piada que mais saboreavamos, estava aquela em que o poeta faz Voltaire, «o satiro divino, o monstro da ironia», saltar do seu tumulo e ir á cata de Cristo, a-fim-de que Cristo, de frak e de monoculo, assistisse ás festas (que ele pinta irreverendissimamente) da Semana Santa. E como riamos a bom rir, gostosamente, quando declamavamos as truanices da «Circular» e os achincalhes á «Bençam da Locomotiva», e os farpados atrevimentos da «Resposta ao Silabus»... O mais curioso desses velhos dias, no entanto, é que nos salões, nos festivais, nos teatros, nos lares, até nos lares os mais cristãos, o que marca bem uma epoca, recitava-se, já não digo com a condescendencia mas sob o enternecimento e o enlevo de toda a gente (eu recitei inumeras vezes) aquelas bombasticas e hugoanas estrofes da «Caridade e a Justiça», que são a blasfemia nua. Esse poemeto foi, com o «O Melro». o grandioso, o magnifico, o triunfal poemeto do meu tempo. Eu tenho ainda na memoria o trecho dramatico, o final, que arrancava de todas as plateias ovações de sacudir paredes. Era quando Jesus, no Calvario, pregado á cruz, ao morrer, diz a Judas:*

Além de meu carrasco, és ainda meu irmão...
Traidor, concedo-te o perdão.

Judas escuta a voz amiga do mestre. A voz que o perdôa. Mas repele-a. E então:

Erguendo-se viril, soberbo, extraordinario,
Exclamou:
—Não aceito a tua compaixão.
A justiça dos bons consiste no perdão.
Um justo não perdôa. A justiça é implacavel.
A minha acção é infame, hedionda, miseravel;
Preguei-te nessa cruz, vendi-te aos Fariseus.
Pois bem, sendo eu um monstro e sendo tu um Deus,
Vais ver como esse monstro, ó pobre Cristo nu,
E' maior do que Deus (sic), mais justo do que tu:
A' tua caridade humanitaria e doce,
Eu prefiro o dever terrivel! E enforcou-se.

Junqueiro morreu, era eu já moço feito, contritamente voltado para as coisas espirituais. Morreu com o coração erguido para o Cristo. O livro que deixou, postumamente publicado, «Caminho do Ceu», e o estudo que, prefaciando-o, João Grave escreveu belamente sôbre o poeta, revelam a tormenta religiosa que, nos ultimos anos, sacudiu o fragoroso bombardeador da igreja catolica. Mas não havia mistér do «Caminho do Ceu», para que se soubesse que aquela alma grande, fôra revolucionada pelo anseio do infinito. Precocemente chegado pelo sofrimento ao ocaso da vida, diz ele em certa «Nota» inserta em um dos seus livros, «atravessei há anos um periodo agudo, bem doloroso e numa ansiedade inenarravel, senti-me electrizado como por encanto de energias subitas. O problema do «além» (como por agora se diz) impunha-se, dilacerante e devedor á minha natureza inquieta de religioso e de metafisico». Esse problema do «além», realmente, acutilára sempre o revolucionario. Como Musset, Junqueiro bem podia dizer—malgré moi, l'infinit me tourmente. Nas suas investidas de demagogo, em meio de bombardas chamejantes que atirava, há de quando em quando isto:

Existe um iman—Deus—oculto no infinito.
Obedece-lhe sempre, invariavelmente:
Torna-te um pensador; e, mais ainda, um crente.
Tem dois polos a alma—a crença e a razão.
A crença é o luar da nossa intuição;
Onde a razão acaba, a crença principia.

O poeta acreditava em Deus. E nem só em Deus. Acreditava na imortalidade da alma, na vida futura, e, o que é muito interessante, acreditava no ceu e no inferno, naquele mesmo ceu e no inferno, de que tão virulentamente escarnecera. Eis o que ele diz em um dos seus livros mais vermelhos:

O' crentes, como vós, no intimo do peito
Abrigo a mesma crença e guardo o mesmo ideal,
O horizonte é infinito e o olhar humano é estreito:
Creio que Deus é eterno e que a alma é imortal.

.....

Sim, creio que depois do derradeiro sono
Há-de haver uma treva (sic) e há-de haver uma luz (sic)
Para o vicio que morre ovante sôbre um trono,
Para o santo que expira inerme numa cruz.
Tenho uma crença firme, uma crença robusta
Num Deus que há-de guardar, por sua propria mão,
Numa jaula de ferro a alma de Locusta,
Num relicário d'oiro a alma de Platão.

Está claro que nós, rapazolas de gimnasio, não nos davamos ao trabalho de reflectir sôbre esses versos, nem sequer atentavamos sôbre esses pedaços de confissão que surgiam, aqui e ali, por entre as marretadas arrazadoras do arieteiro feroz. Não viamos que esses versos deixavam, como clareiras, entrever o que ia no amago da «selva selvaggia» daquela alma. Mas nós viamos, e riamos, e nos encantavamos com a «Sesta do Senhor Abade», e o «Como se faz um Monstro», e «Vala Commum» onde havia isto que era para nós um regalo:

Gozar, sem medo á vida eterna,
Toda esta bela patuscada,
Desde a luxuria mais moderna
A' gula mais civilizada.

E ao terminar tam bom fadario
Morrer, ouvindo alguns latins,
Com treze quilos de calcario,
—Onze na alma, e dois nos rins:

E na mais intima harmonia
Com Satanás e com Jesus,
Ir para a cova á luz do dia,
De farda rica e de gran-cruz,

E, entre tocheiros deslumbrantes,
Ser bem comido e bem jantado,
Por alguns vermes elegantes,
Num gabinete reservado...

Não é necessario comentar. O pão lirico que nos alimentava, não ha duvida, tinha a codea loura e bela. Mas era só a codea. O miolo vinha perigosamente envenenado. Ai de nós, meu amigo, os da geração de 1900...

OS LIVROS DA SEMANA

POEMAS DE SEMPRE,
de CAMPOS DE FIGUEIREDO
POEMAS,
de OCTAVIO DE MARIALVA

O problema da originalidade é delicado. Delicado e complexo. Ha mesmo quem suponha a originalidade coisa de somenos. A razão é simples: uma errada compreensão dessa insidiosa palavra. Não ha nada melhor do que um poucochinho de filologia quando as palavras principiam a ter um sentido dubio. Toda a historia das linguas está neste caminhar das palavras de um sentido exacto para um sentido inexacto. Uma palavra surge para exprimir o que quer que é que ela propria precisa—quando se trata de exprimir sentimentos ou idéas—e acaba muitas vezes por significar coisa diversa do que originariamente significou. E' o que está a suceder á palavra *originalidade*. A verdade é que o sentido exacto desta palavra deve circunscrever-se á idéa de origem. Original: «relativo á origem», dirá qualquer dicionario. Aqui, sim: aqui está o verdadeiro significado de palavra tão horripilante para certas orelhas frageis.

Porque *original* se refere á origem é que se pode dizer que não ha verdadeira arte sem originalidade. Ou não será a arte uma forma de contacto com as origens? Evidentemente que não ha arte onde não houver originalidade, isto é, onde não houver a revelação de um contacto entre o homem e aquilo que nêle é profundamente *êle*.

Posto isto, o problema só se complica quando nos propômos reflectir sôbre a propria essencia da originalidade. Então é que a complexidade surge. Que devemos nós considerar no homem como verdadeira originalidade? Vêr-nos-iamos envolvidos num complicadissimo problema de psicologia, com tendencias a desertar para a metafisica, se teimassemos em abordá-lo por aqui. Vejamos apenas, superficialmente, quais os principios em que assenta o mecanismo da originalidade.

E' lei da originalidade cada um buscá-la pelos seus proprios recursos. Isto é: não buscá-la como quem busca coisa que, de nunca vista, irá provocar a surpresa de todos. Essa é a originalidade concebida pelo cerebro daqueles que a atacam, depois de haverem verificado a inutilidade de a procurar (Vêr a *Ilustração Portuguesa* de ha uns quinze anos, e confrontar alguns dos seus escritos com as opiniões actuais dos autores dêles). Originalidade corresponde a uma identificação do homem consigo proprio, uma obscura peregrinação através de si proprio. Ha seres em que essa peregrinação é curta e facil os poetas, talvez. Certos poetas. Outros ha em que ela é longa e dificil: os dramaturgos, os romancistas, os simples analistas. Todos aqueles que procuram apreender a personalidade através de formulas intelectualistas. Naqueles, a espontaneidade não constitue obstaculo a essa apreensão profunda da personalidade; nestes, sim. Nestes a espontaneidade é obice. E' preciso atingi-la *através de uma lenta e laboriosa procura*. Nêles a originalidade já não é uma simples expansão da personalidade, como no lirico, centro e periferia da sua criação. Neles a originalidade é um desdobramento: uma *introversão* do mundo, como diria Pessoa. Que profunda verdade a de Buffon: genio—longa paciencia! Não que o genio se atinja *pacientando*. Quem não tem genio, nunca o terá. Toda a paciencia é pouca, contudo, para perseverar na sua humilde, obscura, teimosa e diuturna descoberta, quando acontece te-lo alguem.

* * *

Mas até os liricos se não podem dizer totalmente libertos dessa lei morosa do genio em busca das suas proprias leis. Ha liricos e liricos. Um Antonio Nobre não precisa de se procurar para se encontrar: todo o seu horizonte trasborda dêle proprio. Só, para onde quere que olhasse, a si mesmo se veria. Daí a sua graça espontanea, tão espontanea e tão original que até os proprios ritmos, os proprios metros, as proprias imagens, parecem nascer do movimento natural da sua inspiração. Não assim um Fernando Pessoa, por exemplo. A moldagem da expressão dêle é feita neste poeta a trôco de uma pertinente e morosa conquista. Formosa recompensa. O genio paga generosamente a quem o sabe servir. Os ritmos, os metros e as imagens lá chegam, por fim, tão próprias, tão originais como as daqueles que *graciosamente* os receberam: mas depois de um esfôrço, as camarinhas de suor na testa, rebrilhando.

Há, porém, ainda uma outra raça de poetas: êsses ora são expontaneos, ora procurados. Eles proprios ignoram qual o mais curto e mais seguro caminho para a morada da sua inspiração. Se, ás vezes, a encontram logo, outras não a chegam sequer a enxergar. Daí a desigualdade da sua obra; daí a incerteza em que colocam aqueles que dela queiram falar.

Campos de Figueiredo é um dêstes poetas indeterminados, cuja obra tanto no-lo exibe assim:

Senhor! nunca me vi nem conheci,
Dentro do negro abismo onde se esconde
O meu segrêdo humano, nem sei onde
Começa e acaba o que provém de ti!
Sei que errei o caminho e me perdi!
Agora, embora chame e grite e sonde,
No meu longo deserto, só responde
Ao longe, a voz dum mar que nunca vi.

Em vão chamo por mim, em vão procuro
A luz que me pertence e que cintila
No fundo inquieto dêste abismo escuro;

—Fio de agua sumido nas areias,—
Vejo estatuas dramaticas de argila
Com dedadas fatais de mãos alheias!,

sonetista que não desconhece os segrêdos de tal metro, mas em que denuncia (no soneto presente) falta de correspondencia entre o tom dramatico da composição, a sua aparente repercussão metafisica e o verdadeiro conteúdo dela, traduzido num terceto final pouco menos que retorico; como assim:

Louvado seja a terra, o céu, o mar;
O vinho da alegria, o pão da mesa,
— Jesus feito eucaristica beleza
Da comunhão santissima do lar!

Louvada seja, á noite, a luz do luar
Deitada sôbre montes de tristeza;
Bendita seja a bôca de quem reza
E os olhos marejados de chorar.

Nesta hora de paz serena e calma
Como um barco na praia, em que a minha alma
Não sofre, não receia nem duvída,

Seja tudo na graça do Senhor:
O riso, o chôro, o bem, o mal, a dôr,
E a Vida, enfim, louvada seja a Vida!

onde se dá um salto para o amor da vida, numa associação de versos que, conquanto logica dentro da arquitectura rigida do soneto, nós pressentimos artificialmente determinada.

Mas Campos de Figueiredo não ficará por aqui. Nêste seu ultimo livro, *«Poemas de Sempre»*, quebrará com os metros classicos rigidos e com os temas poeticos mais ou menos feitos para, em *Diario*, uma das partes em que a obra está dividida, nos dizer, com uma franqueza quasi inesperada, coisas destas:

Hoje não houve dia, sôbre a terra.
O sol nasceu já morto.
Ai, Vida, nem sequer pensei em ti!
Mas foi o sol que não nasceu
Ou eu que não vivi?!

O que nos leva a pensar: não estará agora Campos de Figueiredo mais perto daquilo a que poderemos chamar a sua personalidade? Não terá sido traido, até hoje, por aquilo mesmo em que parecia mais expontaneo e mais confiante? Sim: Campos de Figueiredo dá-nos a maior parte das vezes—tem-no-la dado até hoje, sobretudo—a impressão de ser um desses muitos portugueses a quem coube o condão de falar em verso. Isto é: até aqui não era aquilo a que com propriedade se pode e deve chamar um poeta: era, sim, um versificador. Um versificador de talento, sem duvida. Quão mais talentoso do que tantos que para ai gozam de uma fama de que Campos de Figueiredo nunca gozou!

Dai os sonetos de que este livro ainda nos dá mostra. Dai todas aquelas composições já de si obrigadas a temas e a imagens certas. Daí uma certa retorica poetica, que não é poesia. Mas agora—mercê do acaso, mercê de uma procura paciente?—postos de lado os metros feitos a pedir tiranicamente imagens, temas e emoções feitas, eis-nos em face de um Campos de Figueiredo poeta. Ha emoções que as formas tradicionais da métrica repelem. Quem nos diz, muitas vezes, que as emoções de que certos poetas serão capazes não são, exactamente, aquelas que se não adaptam as fórmulas por eles geralmente usadas? Não ha homens, a vida inteira carrancudos por nunca se terem encontrado em situações capazes de lhe mostrarem que o não são? Assim pode acontecer a certos poetas, metidos dentro de coletes que lhe deformam o busto, habituando-os a uma auto-imagem totalmente diversa da sua imagem real. Não ha duvida que Campos de Figueiredo está muito mais em poemas como este:

Deixem-me estar aqui a ouvir o temporal,
A tempestade apocaliptica
Desta noite infernal.
Deixem-me só
No meu quarto sossegado,
Dentro da minha casa entre oliveiras
Que o vento quere arrancar pela raiz,
Ah, deixem a minha alma
No meio da tormenta
Tão iludida e calma
Que se julgou feliz!

do que em todos os seus sonetos e composições em que se denuncia a conformidade a canones tradicionais. E se não se pode dizer que Campos de Figueiredo atinja uma força poetica excepcional, a verdade é que consegue atingir neste livro uma simplicidade de ritmos e de imagens não atingida ainda.

* * *

O talento poetico é exactamente o maior amigo e o maior inimigo da poesia. Isto quando talento é sinonimo de *inteligencia de*. Talento poetico pode assim querer dizer: *inteligencia dos valores poeticos*. Um espirito dotado de inteligencia dos valores poeticos—de talento, portanto—pode fazer figura de poeta sem o ser. A sua originalidade é então questão de virtuosismo. O talento poetico pode suprir aparentemente o dom de poeta, coisa muito mais rara, por vezes mesmo mais pobre do que o talento. Quere-me parecer que este Octavio de Marialva, autor de muitos poemas, entre os quais se contam os que tenho presentes: *Duque de Windsor, Sinfonia do Eu, A Cortesã de Pitti, Michey, O Reino dos Genios* é um talentoso poeta.

Veja-se isto:

Solidão de mosaicos e de portas bronzeadas...
Solidão de marmorea caverna funeraria...
Mas de subito, ao fundo, com as faces chupadas
descobri uma harpia esquelectica e solitaria.

Tinha o corpo chagado. Só a pele e os ossos.
Sobre a caveira tragica uma instavel melena.
O nariz carcomido, e os olhos como dois fossos
cheios de negros vermes, podridão e gangrena.

E' junqueiriano. Outras vezes ha nele reminiscencias de Gomes Leal, de Eugenio de Castro e de sei eu lá de que outros poetas mais. Ha nele uma mistura de eloquencia e de ironia, que poucas vezes se encontram associadas. Os seus versos têm uma especie de vibração heroica; os temas uma trivialidade de *fait divers*.

A's vezes; nem sempre. Ha ocasiões em que querem ser metafisicos. E' dificil de dizer, só pela leitura destes poemas, qual a verdadeira categoria de Octavio de Marialva (pseudonimo?). Mas não se lhe pode regatear certo talento poetico.

JOÃO GASPAR SIMÕES

NOVIDADE LITERARIA

"Caminhos"

O Carnaval da Praça Onze

Carnaval da Praça Onze...

Bailado pagão
De estátuas de bronze!

Perspectivas de palmeiras
Altas e sobranceiras
Altivas de luar...

Quais negros fantasmas
Erguidos da terra
Para vêr e escutar!

Carnaval da Praça Onze...

Estranha visão
De amuletos
Mêdos
E «adivinhas»...

Em que corpos pretos
Desenhando formas
Vão formando linhas!

Carnaval da Praça Onze...

Bailado pagão
De ancestral culto lunar...

Alucinação
Que a lua
Impudicamente nua
Vem presenciar!

Carnaval da Praça Onze...

Ritmo desvairado
E incessante
De cuícas e tamborins...

Roçam-se os corpos,
Requebram-se as ancas,
Baloiçam-se os rins!

Carnaval da Praça Onze...

Balburdia,
Gemidos,
Risos,
Uivos,
Pandeiros...

Fusão
De gentes,
De corpos,
De côres,
De cheiros!

Carnaval da Praça Onze...

Ritmos de braços
E pernas
Em bailados aereos
A redopiar...

Quais corpos de cobras
Viscocos e nus
Saltando no ar!

Carnaval da Praça Onze...

Melopeia ritmada
E alucinada
De uivos e lamentos...

Em que perpassam
Murmurios de ramagens,
Furias de selvagens
E ansias de ventos!

Carnaval da Praça Onze...

Delirio de côres
Pulando
E saltando
Em doido agitar...

Corpos suados,
Caídos para os lados,
Extenuados
De tanto sambar!

Carnaval da Praça Onze...

Musica negra,
Magia negra,
Orgia!

Carnaval da Praça Onze...

Luxuria negra,
Saudade negra,
Feitiçaria!

Carnaval da Praça Onze...

Saudade Africana...

Lembranças de menino
Em noite Brasileira...

Nostalgia negra...

Risos de negros
Chorando o seu destino
Em bebedeira!

Carnaval da Praça Onze...

Bailado pagão
De estátuas de bronze!

(Do livro *Caminhos*).

FRANCISCO LEÃO